m. l. estefania

COLECÇÃO ARIZONA

ERA UM JUSTICEIRO

ERA UM JUSTICEIRO

Colecção
ARIZONA
N.º 304

Copyright
EDITORIAL ANDINA

Título original
ERA UN JUSTICEIRO

Depósito Legal N.º 4381/84

Composição e impressão
TIPOCROMIA AGUIAR, LDA.
Rua de Santo António à Estrela, 114-A — 1300 LISBOA

Todos os direitos reservados para Portugal em conformidade com a Lei, na apresentação, distribuição e conjunto da obra. Distribuidores e depositários: AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS em Lisboa, Porto, Coimbra e Faro.

M. L. ESTEFANIA

ERA UM JUSTICEIRO

Tradução de

MARIA TERESA SOARES

EDIÇÃO DA

AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS

LISBOA • PORTO • COIMBRA • FARO

AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS

LISBOA • PORTO • COIMBRA • FARO

Colecções

ANDORINHA
ARIZONA
BISONTE
BRAVOS DO OESTE
BÚFALO
CAMÉLIA
CARABINA DE OURO
CARÍCIA
CARLOS SANTANDER
CONQ. DO OESTE
CORADO
F. B. I.
GALÁXIA
KUNG-FU
MADREPÉROLA
MÃOS NO AR
ORQUÍDEA
PATRULHA DE COMBATE
PIMPINELA
PÓLVORA
ROSA
RURAIS DO TEXAS
SELENE
SÍLVIA
TERROR
ZZ 7

Volumes publicados:

296 — CERCOS IMPLACÁVEIS
297 — O HOMEM QUE PRECISAVA
298 — TRESPASSA-SE UM «GUN-MAN»
299 — A LEI DO «SALOON»
300 — PARA O DESCONHECIDO
301 — VENHO DAS MONTANHAS ROCHOSAS
302 — LÁGRIMAS DE SANGUE
303 — OS CAVALOS DE SONORA

Próximo volume:

305 — UM BILHETE PARA O TÚMULO

I

CAPÍTULO

Stewart Hobson, uma vez fora da prisão, onde tinha passado cinco longos anos privado de liberdade, sorria feliz depois de tanto tempo e respirando profundamente, pensando em voz alta, disse:

— Não há dúvida! O ar é muito mais limpo e puro fora desse inferno!

E sorrindo, enquanto saltava como um menino, correu de um lado para o outro, gritando como um louco:

— Livre!... Enfim livre!...

De repente, deixou-se cair sobre a erva fresca, a poucos metros da entrada principal da prisão, deixando que o filme de recordações começasse a projectar-se no seu cérebro.

Uma vez mais, como lhe sucedia todas as noites quando se encontrava fechado na sua cela, recordou os cobardes que tinham assassinado o seu pai e o seu irmão.

Todas as noites antes de adormecer obrigava o cérebro a recordar com perfeição os rostos dos cobardes, que não satisfeitos com a morte do seu pai e irmão, conseguiram fechá-lo durante cinco anos, acusado de roubar um cavalo ao próprio juiz.

Nesses momentos, tinha a segurança de reconhecer os autores da sua desgraça, ao primeiro golpe de vista.

— Se se recordam do meu juramento, tenho a certeza que nenhum deles viverá tranquilo a partir de hoje!

O Alcaide da prisão, observando-o pela janela do seu gabinete, sorria levemente.

O médico que o acompanhava, aproximando-se dele, inquiriu:

— O que é que estás a observar tão detalhadamente? Algum novo hóspede que chega ao nosso grande hotel?

— Pelo contrário, um que nos deixa...

— Quem é?

— Stewart Gibson... O hóspede mais novo...

— Vá lá! — exclamou o médico. — Finalmente pagou a sua dívida para com a Lei!

— Assim é... Desde há minutos que voltou a converter-se num cidadão livre...

O médico, apercebendo-se do tom especial em que o Alcaide tinha falado, disse.

— O que é que te preocupa?

— Não poder fazer nada, para que esse rapaz continue connosco...

— Seria uma injustiça...

— Se conhecesses os pensamentos desse jovem, pensarias como eu.

— Pensas que é um dos que voltaram a disfrutar das atenções deste grande hotel, não é verdade?

— Se não morre nos seus próprios intuitos de vingança, voltaremos a vê-lo aqui em breve...

— O que é que sabes sobre esse rapaz?

— Muitas coisas...

— Consideras humano que por um cavalo se prive a liberdade, a uma criança, como era Steward quando entrou aqui?

— Não se castiga por capricho... e muito menos pela idade do delinquente.

— Esse rapaz passou cinco longos anos privado da sua liberdade, não pelo delito cometido, mas sim por ser vítima de uma injustiça.

O Alcaide olhou detalhadamente para o médico, perguntando-lhe:

— Considera-lo inocente?

— Sim...

— Porque razão?

— Falei muito com esse rapaz... e sei que foi um abuso que lhe fizeram.

— Ser ladrão nesta terra, é um dos piores delitos...

O médico, sorrindo, replicou:

— Nada conseguríamos discutindo... O que importa é que esse rapaz está em liberdade.

— Pressinto que serão muitos mais os que terão que lamentar a sua liberdade.

Foram interrompidos pela presença de um empregado da prisão, que disse ao Alcaide:

— Há um advogado lá fora, que deseja falar consigo sobre um dos nossos hóspedes...

— Que entre...

O médico encaminhou-se para a porta de saída, dizendo:

— Vou à cidade, queres algo?

— Não, obrigado...

Minutos mais tarde, o médico abandonava o recinto penitenciário.

Steward Gibson fez sinais ao médico para que parasse a carruagem.

O médico obedeceu às indicações do jovem e sorrindo, esperou que este se aproximasse.

— Olá, doutor! — saudou o jovem.

— Olá, Stewart... contente?

— Acho que sim!... Vai à cidade?

— Sim...

— Pode levar-me?

— Claro, Stewart...

O jovem subiu para o carro.

Logo que o veículo se pôs em movimento, o médico perguntou:

— O que é que pensas fazer, Stewart?

— Comprar um bom cavalo.

— Procura que seja um negócio legal...

Os dois riram com boa vontade.

— Assim, o farei, doutor... — respondeu o jovem.

— Tens dinheiro?

— Sim... devolveram-me os cento e vinte dólares que tinha quando fui acusado pelo cobarde do juiz Hoffman...

— Sabes que o Alcaide ficou preocupado pela tua liberdade?

— Eu sei... é dos que esperam que eu volte para gozar de novo da sua hospitalidade.

— Espero que seja ele quem se engane...

— Não receie, doutor... Não voltarei!

— O que é que pensas fazer?

— Disfrutar de uns dias em Santa Fé, antes de pôr-me ao caminho para o povoado em que o meu pai e o meu irmão estão enterrados...

— Continuas a pensar na vingança, não é verdade?

Stewart olhou o médico firmemente, respondendo:

— Há cinco anos, que não penso noutra coisa... Converteu-se numa verdadeira obsessão.

— A vingança, acredita-me, não deixa de ser uma injustiça...

— No meu caso, é o contrário.

— Gostaria que me falasses sobre o que aconteceu com o teu pai e o teu irmão.

— É uma história longa e já chegamos à cidade.

— Não tenho pressa e gostaria de conhecer a verdade, para poder julgar com honradez... Permites-me que te convide para um copo?

Stewart sorriu amplamente, respondendo:

— Aceito o seu convite! Nunca lhe disseram que é um grande homem?

— Muitas vezes... Mas sempre aqueles doentes a quem não cobrei o meu trabalho.

De novo, ambos voltaram a rir de boa vontade.

O médico gostava da alegria que irradiava daquele jovem.

Já na cidade, pararam junto de um dos locais de diversão, dizendo o médico:

— Asseguraram-me que há raparigas muito bonitas aqui.

Stewart, interpretando o significado daquele comentário, voltou a rir, replicando:

— Obrigada, doutor, por pensar em tudo!

Ambos entraram no local.

Stewart, contemplando as raparigas, replicou em voz baixa:

— Nenhuma é o meu tipo...

Surpreendido, o médico respondeu:

— Depois de cinco anos, nunca pensei que fosses tão exigente!

Sem deixar de rir, fazendo comentários alegres, sentaram-se a uma mesa.

— Agora encantar-me-ia ouvir a tua vida... — disse o médico.

Stewart Gibson pôs-se muito sério, dizendo:

— A minha infância, transcorreu feliz no rancho dos meus pais... Mas um dia, há cinco anos, dois meses e nove dias, o meu pai e o meu irmão nas proximidades do nosso rancho, descobriram algo horrível. Um homem jovem abusava de uma mocinha que nem sequer ainda tinha cumprido os dezassete anos, filha de um amigo íntimo do meu pai. Mas aquele canalha, ao descobrir o meu pai e o meu irmão, fugiu depois de ter disparado sobre a moça. Ainda que a jovem morresse horas mais tarde, conseguiu dar o nome do seu assassino a meu pai e a meu irmão... Quando o pai daquela rapariga foi informado, ficou louco. Reuniu um grupo de homens e foi atrás do assassino. Sabiam que o seu nome era Alex Hoffman e morava nas Cruzes... o xerife de Alamogordo, acompanhava-os. Uma vez nas Cruzes souberam que Alex Hoffman, era um honrado juiz. O xerife de as Cruzes, ao ouvir o motivo daquela visita, insultou-os em todos os tons. E depois de muito discutir, convenceu a todos que era impossível a acusação que tinham contra Alex Hoffman, já que não tinha saído dali. O xerife e os outros vizinhos asseguraram que no dia em que aquela jovem tinha morrido e precisamente à mesma hora o juiz tinha feito um julgamento nas Cruzes. Convencidos de que algum indesejável tinha usado o nome do honrado juiz, regressaram a Alamogordo... O meu pai e o meu irmão

que não tinham podido ir na expedição, semanas mais tarde, decidiram visitar o honrado juiz das Cruzes. Ambos estavam seguros de que poderiam reconhecer o assassino daquela rapariga... O que sucedeu em as Cruzes, soube eu, dado que dias mais tarde tanto o meu pai como o meu irmão não voltavam, fui ao seu encontro para tranquilizar a minha mãe. Tinham-nos acusado de ladrões e foram enforcados sem serem sequer julgados... Agoniado com esta desgraça, um rancheiro de as Cruzes levou-me para casa. Contei a este a verdade de tudo quanto tinha acontecido e aquele homem foi visitar o juiz Hoffman... Não sei o que lhe disse, e horas mais tarde quando eu era preso, soube que aquele rancheiro tinha sido enforcado, excelente pessoa, por ter tentado assassinar o juiz Hoffman perante a presença do xerife da localidade... Acusaram-me de ladrão e fui julgado, privando-me de liberdade, como sabe, durante cinco longos anos.

O médico, impressionado por aquela história, comentou:

— Custa-me a acreditar tudo o que tenhas dito...

— Pois juro-lhe que é a verdade!

— Acredito em ti, Stewart, acredito... Mas é quase impossível para mim pensar que existe tanta maldade num homem.

— É um monstro! — gritou Stewart. — E o xerife de as Cruzes, é seu cúmplice! Dois indesejáveis que não têm direito à vida!

— Começo a compreender os teus pensamentos de vingança... compreendo que essa ideia de vingança, se tenha convertido numa obsecação.

— Alegra-me que o reconheça...

— É que segundo o que eu penso, se o que pensas

fazer é castigar esses miseráveis, não é uma vingança... mas antes um acto de justiça.

— Obrigada, doutor... As suas palavras animam-me. Prometo-lhe que o juiz Hoffman e o xerife Wallace, uma vez que os encontre, não voltarão mais a fazer mal a ninguém...

— Ainda que se o Alcaide me estivesse a escutar e reprovasse as minhas palavras não posso senão desejar-te sorte... Procura não cometer erros que te possam custar a vida.

Continuaram a falar animadamente.

O médico, desde que tinha escutado a história de Stewart, sentia-se satisfeito na companhia do jovem.

Via no jovem um justiceiro.

Stewart expôs com sinceridade os seus projectos.

Tudo quanto, durante cinco anos de prisão, tinha planeado.

— A primeira coisa que deves fazer é visitar a tua mãe.

— É o que penso fazer... Uma vez que comprove que tudo corre bem, dedicar-me-ei à minha vingança.

— O inimigo que terás defronte de ti, é muito perigoso...

— Eu sei...

— Não te preocupa?

— Absolutamente nada!

— Sabes manejar as armas?

— Antes de ser preso, era considerado como um dos revólveres mais rápidos do Novo México.

— Utilizaste as armas alguma vez?

— Disparei muitas vezes, mas nunca contra ninguém...

— Chegado o momento de disparares a matar, serás capaz de o fazer?

— Não duvidarei...

— Pensas que durante estes cinco anos, terás perdido muita rapidez. Tanto em rapidez como em segurança.

— Não tema, doutor, praticarei muito, antes de visitar as Cruzes...

— Durante a viagem, podes praticar muito...

— Pensava em fazê-lo.

Depois de falarem muito, o doutor disse:

— Vou-te acompanhar nas compras que precises de fazer. Conheço um rancheiro que possui cavalos maravilhosos...

E horas depois, Stewart escolhia um belo cavalo.

Depois em companhia do doutor comprou um duplo cinturão, com dois enormes *Colts*, calibre «trinta e oito».

— É calibre de pistoleiro... — comentou o médico. — Não seria preferível outro calibre?

— Estou acostumado a este, doutor.

Comeram juntos e quando se separaram, ambos se abraçaram.

— Muita sorte, filho!

— Obrigada, doutor.

— Até breve!

II

CAPÍTULO

Na primeira paragem que Stewart fez, dispôs-se a comprovar, com certo temor, a sua rapidez e pontaria.

Após os primeros disparos, feitos com uma segurança matemática nos alvos escolhidos, um trágico sorriso de satisfação iluminou o seu rosto, ao comprovar o que era capaz de fazer com as armas.

— Ainda que tivesse perdido a rapidez, o meu pulso ainda continua seguro.

E a partir daquele momento fazia constantes provas, cujo resultado, o orgulhava.

No dia seguinte depois de ter saído de Santa Fé, após ter gasto cinco caixas de munições, chegou à conclusão de que não precisava de mais prática para se enfrentar com o inimigo.

Quando entrava em Albuquerque, contemplou com curiosidade a pequena cidade.

E ao recordar que tinha ali estado em vida de seu pai e de seu irmão, pensou que ao fim e ao cabo não tinha mudado muito naqueles anos.

Desmontou diante de um dos bares existentes na praça.

E depois de amarrar o cavalo ao poste, entrou decidido.

Os que estavam reunidos contemplaram-no uns segun-

dos com indiferença, para no momento seguinte o ignorar.

Stewart, chegou à conclusão, a julgar pela atitude dos presentes, que eles estavam habituados à entrada habitual de forasteiros.

Aproximou-se do balcão, saudando mecanicamente o *barman.*

— Uísque, forasteiro? — perguntou o *barman.*

— Prefiro cerveja — respondeu Stewart. — Uma grande caneca.

O *barman* atendeu o pedido de Stewart.

Quando o servia, Stewart perguntou:

— Poderiam arranjar-me algo que comesse?

— O que quiser... o que é que prefere?

Stewart pediu várias coisas, tendo que se conformar com ovos com presunto frito, que era o que prepariam com mais rapidez.

Minutos mais tarde, sentado a uma mesa, comia com voracidade.

O local ia-se animando com a chegada de muitos clientes.

Quem olhava para Stewart fazia-o com indiferença.

Um jovem de uns dezassete anos, irrompeu no local, observando os que estavam reunidos.

De repente, ao caminhar, disse.

— Senhor Durea! Senhor Durea!...

Stewart olhou detalhadamente aquele jovem, apercebendo-se que estava a chorar

— Olá, Emil — respondeu um homem de idade. — O que é que se passa?

— Tem que me ajudar, por favor!

— Vamos, Emil, acalma-te... O que é que aconteceu?

— Os homens de John Bland, voltaram a provocar um estrondo e o gado tresmalhou-se! Perdemos mais de vinte mil cabeças! Mas o pior é que lançaram o gado para a zona onde estava o meu pai. Está muito mal!

Durea e o resto dos clientes, olharam-se em silêncio.

Stewart escutava com atenção.

O sofrimento que via naquele jovem afectava-o enormemente.

— Como é que aconteceu, Emil? — perguntou Durea.

— Tínhamos o gado junto para começar a pôr o ferro quando os homens de John Bland, entraram nas nossas terras, atirando... Foi horrível!

— Já avisaste o xerife? — perguntou Durea.

— Fui ao seu escritório, mas não está... Isso não me surpreende, já que o meu pai me tinha avisado... quando os homens de John Bland fazem algo contra alguém coincide sempre com a ausência do xerife da cidade. É muito provável que John Bland indique ao xerife para se ausentar, antes dos seus homens mostrarem quanto são selvagens... É um grupo de cobardes!

— Cuidado com o que dizes, Emil... — advertiu Durea. — Não cometas o mesmo erro que o teu pai... sempre lhe disse que ele devia reprimir os comentários contra John Bland...

— Acompanhe-me por favor! Deve convencer o médico para que me acompanhe para atender o meu pobre pai...

— Já falaste com ele — perguntou um dos que estavam perto.

— Sim... — mas negou-se a acompanhar-me. — Está assustado.

— Pode ser que tenha outras coisas a fazer — replicou outro.

— Não é isso! — gritou o jovem. — Tem medo dos homens de John Bland, tem medo que o maltratem se for cuidar do meu pai. Se não o fizer, morrerá, porque está muito doente.

— Se o médico se nega a acompanhar-te, Emil... — disse Durea. — O que é que eu posso fazer?

— O meu pai assegurou-me que você não teria medo de nos acompanhar. Não o decepcione, por favor!

— Tenho muitos anos, filho... — disse Durea. — Não quero complicações...

O jovem, reprimindo as lágrimas brandou:

— Você é um cobarde!

Durea, perante o assombro de Stewart, respondeu:

— Pode ser que sim, Emil, mas não quero que por vos ajudar, os homens de John Bland me convertam no alvo dos seus abusos... Diz a teu pai que me perdoe.

O jovem, chorando desconsoladamente, suplicou a ajuda de todos, mas ninguém lhe respondia.

Stewart não compreendia o que estava a presenciar.

Seria possível tanta cobardia?

Seria possível que aqueles homens permitissem que um amigo morresse, por falta de cuidados médicos?

Porque razão é que teriam tanto medo de John Bland e dos seus homens?

O que é que haveria de verdade em tudo o que tinha escutado?

Assim, a julgar pela confissão de Durea, não havia dúvida de que os homens de que falavam, tinham-nos dominado.

— Não quero que venham comigo até ao rancho! — suplicava o jovem. — Acompanhe-me para que eu convença o médico!

Stewart pôs-se de pé e aproximando-se do balcão, perguntou ao *barman* quanto devia.

Depois de pagar, olhou com desprezo os que estavam reunidos, dizendo ao jovem:

— Vamos, rapaz! Não insistas! Não te apercebeste ainda que suplicar a cobardes é tempo perdido?

Um dos que estavam reunidos olhou para Stewart, gritando:

— Cuidado com a tua língua, forasteiro! Tu não és uma criança como Emil e estás armado!

— Ofendem-se com a verdade, não é assim amigo? — disse Stewart. — Nunca tinha visto uma manada tão grande de cobardes!

— Não voltes a repetir de novo o insulto ou não sairás daqui com vida!

Stewart olhou fixamente quem o ameaçava, dizendo:

— Não é a enfrentar-se comigo que demonstra o seu valor, mas antes ajudando este jovem. São desprezíveis!

E aproximando-se de Emil, que o contemplava agradecido, bateu-lhe carinhosamente nas costas, dizendo:

— Vamos visitar o médico, filho...

— Um momento, forasteiro! — gritou o que o tinha ameaçado.

Stewart voltou-se com calma, perguntando:

— O que é que deseja, amigo?

— Rectifica tudo o que disseste sobre nós ou não sairás daqui com vida!

— Deixe-me em paz, amigo! — disse Stewart. — É mais urgente atender o pai deste rapaz, de que perder tempo a discutir com um cobarde como você...

O que provocara Stewart, com uma terrível expressão

no rosto, inclinou-se um pouco para a frente, arqueando as suas pernas e os braços.

Não havia dúvida sobre as suas intenções.

Estava decidido a apoiar com as armas as suas palavras.

Os que estavam reunidos separaram-se para os lados.

Stewart compreendendo as intenções daquele homem acrescentou:

— Não me obrigue a matá-lo!

— Vais morrer senão rectificares tudo quanto disseste dentro de cinco segundos!

— Não penso em rectificar, amigo... Assim quando quiser abrirei uma janela à sua frente...

— Tu é que!...

Deixou de falar ao mesmo tempo que as suas mãos voavam para as armas.

Stewart que estava desesperado perante a cobardia colectiva dos presentes, não duvidou um só segundo em defender a sua vida.

Adiantou-se às intenções do seu adversário, disparando apenas uma vez.

O provocador, com a testa perfurada, caiu sem vida.

— Os cobardes tentam mostrar sempre um valor que não têm, só para enganar... — comentou Stewart. — São testemunhas que ele me obrigou a defender a minha vida!

Os presentes, nada disseram.

Estavam dominados por um pânico intenso, que a segurança de Stewart lhes tinha produzido.

Por seu lado, Stewart estava impressionado, já que aquele homem era a sua primeira vítima.

— Vamos, rapaz! — disse para Emil.

Emil, admirado pelo que acabava de presenciar, saiu em companhia do forasteiro.

As testemunhas continuaram em silêncio, sem conseguirem reagir.

Uma vez na rua, Stewart disse:

— Deus queira que o médico não se negue a acompanhar-nos!

Emil, apesar dos seus poucos anos, perante aquele comentário, sentiu uma intensa sensação de frio.

Emil encarregou-se de bater à porta da vivenda do médico.

Este abriu dizendo:

— Lamento pequeno, já te disse que...

— Recolha tudo o que precisar para atender o pai deste jovem e não perca um só segundo! — ordenou Stewart.

O médico olhou fixamente para Stewart, dizendo:

— Não te conheço, rapaz...

— É lógico, já que sou forasteiro... Mas ao negar-se a prestar ajuda a quem requer os seus serviços é uma cobardia que eu não estou disposto a tolerar.

— Não podes...

Stewart, que estava irritadíssimo, empunhou as suas armas, bramando:

— Obedeça ou não tratará de mais ninguém!

O médico, assustado, entrou na sua casa, seguido por Emil e Stewart.

— Ouve, rapaz...

— Não perca mais tempo, por favor!

Apanhou uma maleta, dizendo:

— Isto é um abuso...

— E a sua negativa em atender quem precisa é uma cobardia!

— Ameaçaram-me de morte, rapaz! E os homens que o fizeram, não brincam!

— Denunci-os ao xerife...

— O xerife nada faria contra eles...

— Pois lamento-o por si, mas tem de tratar do pai deste jovem...

Segundos depois os três galopavam em direcção ao rancho de Jaw.

Os vaqueiros que esperavam com impaciência a chegada do médico, disseram ao jovem patrão:

— Atrasaste-te muito, Emil!... O teu pai está muito mal!

— Não foi culpa minha!... — disse Emil chorando, perante a notícia do estado do seu pai. — O cobarde do médico negou-se a ajudar-me!... Só este rapaz, que com a sua decisão, é que o obrigou a acompanhar-nos.

Os vaqueiros, todos eles de idade muito avançada, contemplaram Stewart com simpatia.

— Obrigado, rapaz!— disseram todos ao mesmo tempo.

O médico entrou em casa para tratar do ferido.

O aspecto do velho Jaw assustou o próprio médico.

— Ignoro o que é que poderei fazer... — comentou, dispondo-se a tratar do ferido. — Nunca tinha visto nada parecido!

Stewart com voz surda, dominado pelo horror que se apoderou dele, perante o aspecto do ferido, disse:

— Procure que esse homem viva!

— Farei tudo o que puder, rapaz... — confessou o médico.

— Se morrer, será enterrado com ele!

O médico, perante aquela ameaça, tremeu visivelmente.

Emil e os vaqueiros, olharam com simpatia o forasteiro.

Enquanto que o médico tratava do ferido, Stewart saiu do aposento.

Os vaqueiros juntaram-se a ele.

— Como é que se passou? — perguntou Stewart.

Todos eles, lhe deram uma ampla informação de tudo o que tinha sucedido.

— Porque é que não dispararam sobre os cobardes que provocaram isto? — perguntou Stewart.

— Somos demasiado velhos e o nosso pulso não é seguro... Sem dúvida, é o que procuravam, para ter um pretexto para disparar sobre nós...

— A que é que se deve o ódio de John Bland ao vosso patrão?

— Tudo começou quando ambos eram jovens...

E cada um dos vaqueiros contou algo sobre o que eles pensavam porque é que John Bland odiava o pai de Emil.

Horas mais tarde, quando já declinava a tarde, o médico ainda continuava fechado com o ferido.

Stewart que conhecia por aqueles velhos vaqueiros, a maior parte dos abusos que John Bland cometia e do medo que todos sentiam pelos seus homens, comentou:

— Eu no lugar de vocês já teria livrado a ragião de um cobarde como John Bland...

— Os que o tentaram, já foram enterrados...

— O que mais me surpreende é a atitude do xerife... — comentou Stewart. — Porque é que não se queixam às autoridades de Santa Fé?... Deveriam ir à capital e falar pessoalmente com o governador.

— Já o fizeram, rapaz... Mas os atrevidos nunca regressaram dessa viagem!...

— Reajam e enforquem o xerife com John Bland!...

— Todos desejamos isso mas falta-nos a coragem.

— Pode ser que antes de abandonar esta comarca lhes faça este favor.

Os vaqueiros contemplaram Stewart em silêncio.

Falavam sob o alpendre, à espera que o médico acabasse e lhes dissesse o verdadeiro estado em que se encontrava o patrão, pelo qual temiam, quando até eles chegou o galope de um cavalo que se aproximava.

Stewart sorriu abertamente, ao ver que aqueles velhos vaqueiros empunhavam as armas, procurando cada um esconderijo.

Ele imitou-os.

Mas tranquilizaram-se quando o cavaleiro desmontou.

— O que é que te traz por aqui, Smith? — perguntou por sua vez ao cavaleiro.

— Sim ...— afirmou um. — O que é que desejas dele?

— Venho preveni-lo... Não deve regressar ao povoado... John Bland em pessoa, com os seus capatazes esperam-no. Asseguraram que da próxima vez que lhe der uma ordem, morrerá antes de obedecer!

— O xerife continua sem aparecer? — perguntou Stewart.

— O xerife acompanha-os... e falavam em vir à tua procura.

— Não creio que se atrevam... — disse Stewart.

Naquele momento o médico saiu de casa.

— Passarão vários meses antes que possa fazer a

sua vida normal, mas pelo menos, continuará vivo... — comentou o médico.

Todos se alegraram ao ouvir o médico.

O cavaleiro que tinha chegado deu o recado ao médico.

III

Stewart estava pendente do médico.

E naquele momento, por saber o que acontecia, a negativa do médico de querer acompanhar Emil, era justificada, ainda que não se arrependesse de quanto tinha feito.

O médico, olhando Stewart fixamente, como se adivinhasse os seus pensamentos, disse:

— Não te deves culpar do que acontecer, rapaz... Acredita-me se te disser que te agradeço que me obrigasses a cumprir o meu dever!

Stewart olhou com simpatia aquele homem, replicando:

— Evitarei que cometam um abuso consigo.

— O que fizerem comigo, não me assusta, rapaz... Prefiro morrer em consequência de uma paulada, de que envergonhado pela minha cobardia...

Stewart começou a admirar aquele homem.

— Amanhã virei, se estiver em condições... — disse ao mesmo tempo que se encaminhava para o seu cavalo.

— Em caso de não poder vir, não devem mover o ferido... que um cavaleiro vá até Santa Rosa e fale com o médico dessa localidade, que é meu sobrinho... Não se negará a acompanhá-los.

— Deve ficar aqui, doutor... — disse Stewart. — Pelo

que me contaram, sofrerá as consequências de não ter obedecido ao cobarde de John Bland.

— Não me assusta, como já te disse, rapaz, o que podem fazer comigo. É muito mais sagrado para mim cumprir com o meu dever.

— Fique pelo menos mais uns dias até estarem mais calmos... — disse um vaqueiro.

— Não posso ficar... Tenho uma doente que tratar no povoado que, possivelmente, para amanhã, nos dê um novo vizinho...

— Acompanhá-lo-ei — disse Stewart. — Não permitirei...

— Se apareces no povoado dispararam sobre ti sem avisar...

— Eu acompanhá-lo-ei — disse o jovem Emil. — Tenho de falar com o xerife.

— Fica ao lado do teu pai.

— Não creio que façam mal a uma criança como Emil — disse um dos vaqueiros.

— E é preciso que informem o xerife perante testemunhas do que fizeram os homens de John Bland...

— Acaso, pensam que ele ignora? — disse o médico.

— Apesar do que possa acontecer, acompanhá-lo-ei — disse corajosamente Emil.

— Eu sei que não se deteram perante ti, Emil... — disse o médico.

— Deus queira que não façam nada a esse rapaz! — bramou Stewart, com voz surda.

O médico, acompanhado por Emil, encaminharam-se para o povoado.

Stewart ficou no rancho.

E uma hora depois começava a ficar intranquilo.

Aos velhos vaqueiros sucedia o mesmo, mas não comentavam nada sobre os seus temores.

O médico, quando se aproximava do povoado, disse:

— Vou visitar primeiro os meus doentes, antes que não o possa fazer.

— Acompanho-o.

Esta era a razão porque Emil se atrasou mais do que era devido.

Uma vez visitados os doentes do médico, dando-lhes conta do que deviam fazer em caso de que algo lhe acontecesse, decidiu acompanhar o jovem Emil, ao encontro do xerife.

Em breve lhe informaram que estava num dos bares.

— ...e John Bland está furioso contra os dois — disseram-lhes.

Apesar destas palavras, tanto Emil como o médico encaminharam-se decididos para o *saloon* em que sabiam eles deviam estar, o xerife com John Bland e os seus homens.

Quando os viram entrar, as conversas cessaram.

John Bland, com um sorriso trágico, no seu rosto, contemplava-os.

Com uma coragem que admirou os que lá estavam, Emil disse ao xerife.

— Quero denunciar perante testemunhas, o senhor John Bland! Acuso-o de ter ordenado aos seus homens a invasão das nossas terras, de provocar que o gado se tresmalhasse e, em consequência de tal cobardia, a vida de o meu pai esteve por um fio!...

John Bland e os seus homens sorriram abertamente.

O xerife, observava fixamente os reunidos, disse:

— O que é que há de certo nas palavras deste jovem, senhor Bland?

— Que é tão embusteiro como o seu pai — respondeu John Bland.

Emil, sem se poder conter, começou a insultar John Bland.

— Não te deves excitar, filho... — disse o médico. — Nada conseguirás já que o xerife, sabe que não mentes. O que acontece é que é um peão a mais, um cão fiel do seu dono.

— Cuidado com o que diz, doutor! — gritou o xerife. — Se não fala com mais respeito, obrigar-me-á a encerrá-lo!

— Eu, como cidadão livre e testemunha, rectifico as palavras do jovem Emil. O que os homens do senhor Bland fizeram não tem precedente!

— Como é que está certo do que diz, se estava no povoado quando sucedeu essa desgraça *no* rancho *de* Jaw? — perguntou um dos homens de John Bland.

— Porque precisamente os capatazes de *mister* Bland, visitaram-me, acto continuo, para me ameaçarem de morte, se fosse tratar do pai de Emil... Pensando que eu me assustaria, não tiveram qualquer inconveniente em contar-me tudo o que tinha sucedido, sem omitir quaisquer detalhes.

— Mente! — gritou um dos capatazes de *mister* Bland.

E com rapidez, perante o assombro geral, deram uma série de golpes no velho médico.

Quando este caía sem conhecimento, Owens e Bendix, estes eram os capatazes de John Bland, famosos pela sua carência de escrúpulos, encararam-se com o jovem Emil.

Este de uma forma instintiva, retrocedeu assustado.

— Diz, diante de todos que mentes, rapaz! — gritou um deles.

— São as consequências do teu pai te ter ensinado à mentira... — disse o xerife. — Insistes nas acusações lançadas contra *mister* Bland?

— Não posso negar o que é verdade — gritou Emil.

Os que lá estavam sentiam pena por aquele rapaz.

Owens pegou-lhe por um braço, dizendo-lhe:

— Vamos para a rua, Emil... Espero que depois de hoje nunca mais voltes a mentir na tua vida!

— Isso é uma cobardia! — gritava Emil.

Owens, perante o assombro dos presentes, deu um empurrão ao jovem, obrigando-o a sair do bar.

John Bland sorria feliz.

O xerife, preocupado, contemplava os presentes.

Assim, aproximando-se de Bendix, disse-lhe em voz baixa:

— Vigia as testemunhas! Não me fio em nenhum deles.

Bendix, sorrindo, aproximou-se de um dos vaqueiros do rancho, dizendo-lhes:

— Misturem-se entre os curiosos e vigiai com atenção.

Mas nada tinham a temer, já que medo era a única coisa que tinham.

Ninguém, nem por aquele jovenzinho, se atreveria a enfrentar-se com eles.

Todos eles estavam pendentes da porta, à espera que Owens aparecesse.

Os gritos de dor que escutavam dos lábios de Emil, torturava-os de uma forma terrível.

E Owens, sujeitando Emil por um braço, batia-lhe com a outra, perguntando após cada golpe:

— Não é verdade que mentiste?

— Não — gritava o jovem como resposta.

A negativa do jovem, fazia com que o castigo aumentasse com dureza.

Os presentes no local, tremiam cada vez que ouviam Emil.

O xerife apoiado no balcão, fazia que não ouvia.

— Terás que me matar, cobarde!... — ouviram Emil dizer. — Mas não me farás confessar o que não é verdade!

O dono do *saloon* sem se poder conter, perante a angústia dos gritos de dor de Emil, disse ao xerife:

— Deve evitar que continuem a maltratar esse jovem!

Foi John Bland, que ao escutar estar palavras, respondeu:

— Temos que educar os jovens!... E senão fazem caso das palavras sensatas dos mais velhos, temos que os castigar...

Foi o suficiente, para que o dono do local, se calasse.

De repente, até eles chegou um grito infra-humano de dor e de medo, que os gelou até às medulas.

Durante uns segundos, quase sem respirar, todos se contemplaram interrogantes.

De repente Bendix, completamente lívido, exclamou:

— Foi Owens quem gritou!

Naquele momento ouviu-se um galope de um cavalo.

Como louco, Bendix saltou para o exterior.

O resto dos seus companheiros, como os presentes, permaneceram imóveis.

Segundos depois, Bendix entrava com o rosto completamente descomposto.

Com voz surda, disse:

— Esse rapaz matou Owens...

John Bland impressionado por tal notícia, saiu para comprovar o que Bendix dizia.

Uma alegria incontida ia-se apoderando daqueles que não pertenciam ao grupo de John Bland.

O xerife, lívido como um cadáver, saiu do local.

Todos puderam ver Owens, no centro da calçada, com um enorme punhal de monte cravado no meio do peito.

John Bland cravou o seu olhar no xerife, dizendo-lhe:

— Tens que enforcar Emil Jaw.

— Eu encarregar-me-ei disso! — bramou Bendix.

E encaminhou-se para o seu cavalo.

John Bland, conteve-o, dizendo-lhe:

— Não sejas parvo... Isto é um assunto para o xerife...

Bendix, com voz surda, replicou:

— Owens, era como um irmão para mim!... Hei-de ser eu a enforcar esse rapaz!

E sem obedecer às ordens do seu patrão, obrigou o seu caavlo a sair atrás do jovem homicida.

O xerife voltou a fechar os olhos, inquirindo:

— Não ouviram?

Ao ver John Bland entrar, seguido dos seus homens, fez com que todos se dispusessem a sair com o xerife.

— Não volte sem ter capturado esse jovem! — bramou John.

Entretanto, Emil chegava ao rancho.

Stewart e os velhos vaqueiros, respiraram com satisfação.

Já estavam a preparar os cavalos, para ir ao povoado à procura dele.

Stewart empalideceu ao ver o rosto daquele jovem.

O castigo que tinha suportado, tinha-lhe deformado completamente o rosto.

Abraçado a um velho vaqueiro, chorava nervosamente.

— Vamos, filho, tranquiliza-te! — dizia o vaqueiro. — O que é que aconteceu? Quem é que te bateu desta maneira?

Sem deixar de chorar contou o que acontecera.

— Não pude evitá-lo! Não pude!... — gritava como um louco.

— Deves tranquilizar-te, Emil... — disse Stewart. — Ninguém te poderá culpar dessa morte... foi justa!

O jovem não parava de chorar assustado pelo que tinha feito.

Os vaqueiros do seu rancho, estavam tão impressionados, que não sabiam o que dizer nem o que pensar.

— Deves afastar-te! — exclamou um de repente! — Não tardarão em vir à tua procura!

— E se te encontram enforcam-te! — acrescentou outro.

Stewart, pensando com rapidez, compreendeu que os temores daqueles homens eram mais do que justificados, pelo que disse:

— Acompanha-me!

E obrigou acto continuo que Emil voltasse a montar no cavalo.

Segundos depois os dois afastavam-se do rancho.

Os velhos vaqueiros entraram em casa.

E ali puseram-se de acordo sobre o que deveriam dizer.

Assim, quando ouviram o cavalo de Bendix, um deles, saiu, gritando:

— Emil!... És tu? Como é que demoraste tanto? Esses cobardes castigaram-te?

Escutando esta série de perguntas, Bendix desmontava, sorrindo de uma forma especial.

Já não precisava de perguntar nada.

Aquilo indicava que o jovem ainda não tinha regressado.

O vaqueiro, ao não ouvir sequer uma palavra, aproximou-se do cavaleiro, dizendo.

— O que é que tens, Emil?

— Sou Bendix, amigo...

O vaqueiro retrocedeu assustado, inquirindo:

— O que é que fizesteis com esse menino?

— Tranquiliza-te, não se passou nada... Ainda não voltou?

Outros vaqueiros saíram da vivenda.

E todos representaram o seu papel admiravelmente.

Bendix estava certo de que aqueles homens não mentiam.

— Não aconteceu nada, mas será enforcado...

— Antes tereis que acabar com todos nós — bramou o mais velho.

— Emil é um assassino... Enterrou o seu punhal no peito de Owens.

O xerife e o grupo que o acompanhava chegou ao rancho.

— Há que procurá-lo noutra direcção... — disse Bendix com rapidez. — Não veio a casa!

E para dar o exemplo montou a cavalo.

Os velhos vaqueiros, ao verem-nos afastaram-se, respiraram com satisfação.

Horas mais tarde o xerife dizia a Bendix:

— É inútil que procuremos agora. Devemos esperar que amanheça e seguir as pistas.

Bendix concordou.

A noite era tão escura, que seria uma perca inútil de tempo.

Regressaram ao povoado, entrando no *saloon* em que estava John Bland.

Ao vê-los entrar, John comentou:

— Estava convencido que voltarias sem o rapaz...

— Não é possível seguir os rastos numa noite tão escura — desculpou-se o xerife.

— Não foi para casa? — perguntou John.

— Não...

— É lógico... Esse rapaz, assustado pelo que fez, é possível que esteja chorando não muito longe daqui.

— Amanhã dar-lhe-emos caça — disse Bendix com voz surda. — Não conseguirá escapar!

— Confio que ao chegar a As Cruzes, sejamos bons amigos... A único coisa que deviam ter feito, era trazer com vocês, o velho Jaw...

Bendix sorriu de forma especial, dizendo:

— Iremos buscá-lo!

E em seguida os seus companheiros voltaram a cavalgar.

Duas horas mais tarde e numa carroça, traziam o velho Jaw.

Os próprios vaqueiros de Jaw ocuparam-se de o pôr na carroça.

Entretanto, Stewart e Emil, escondidos nas sombras da noite, aproximavam-se da casa do médico.

Quando estes lhes abriu a porta, exclamou:

— São loucos! Andam à vossa procura! Entrem!...

— Procurar-nos-ão amanhã pelos arredores, jamais suspeitariam que estamos no povoado... e é possível que amanhã o pesadelo de John Bland já tenha passado.

— O que é que pensas fazer, rapaz? — perguntou assustado o médico.

— Enforcar os que abusaram de si e de Emil!

Uma hora depois, alguém bateu à porta.

Stewart e Emil, esconderam-se num dos aposentos.

IV

Antes de abrir a porta, o médico respirou várias vezes fundo, para tentar acalmar-se.

Tranquilizou-se ao abrir a porta e reconhecer um dos velhos vaqueiros do rancho do jovem Emil.

— Doutor! — disse o velho nervosamente. — Bendix e os seus companheiros obrigaram-nos a transportar o patrão para o escritório do xerife!...

— Miseráveis! — exclamou o médico. — O que é que querem fazer com esse pobre homem?

— Desejam que Emil se entregue... Estão disposto a enforcar esse menino!

Stewart e Emil, sabendo que nada tinham a temer, apareceram diante do médico e do visitante.

O vaqueiro abriu os olhos com enorme surpresa.

Emil que ouvira sobre o transporte do seu pai, tremia assustado.

— Vou tentar visitar o teu patrão... — disse o médico. — É possível que ao ser mexido lhe tenha feito mal.

— Não tenha pressa, doutor... — disse Stewart, primeiro quero saber se esse John Bland e o xerife estão no *saloon*.

— O que é que pensas em fazer?

— Actuar, antes que seja demasiado tarde... — respondeu Stewart.

— Seria uma loucura, rapaz... Não penses que te vão ajudar.

— Não preciso de ajuda... Uma vez mortos o xerife e esse maldito rancheiro, tudo terá passado.

— Disparar sobre um xerife... é um delito muito grave!

— Quando este demonstrou que é um cobarde, que desonra o que representa, não há tal delito.

— Conta com a nossa ajuda! — exclamou o velho vaqueiro.

— Ajudar-nos-á mais alguém?— perguntou Stewart.

— Conta com os cinco vaqueiros do rancho... Somos os cinco demasiado velhos, mas não nos assusta morrer!

— Se estão dispostos a tudo, oiçam o que devem fazer...

E Stewart falou durante vários minutos.

O velho vaqueiro escutava-o com muita atenção.

— Se só o fizerem quando eu vos indicar, nada tem a temer — acabou Stewart por dizer. — Pensam que alguém tentará vingar o xerife e John Bland?

— Se estes morrerem podes contar com a ajuda de toda a comarca... Será um grande bem se o fizeres!

— Não te deves expôr, Stewart... — disse Emil. — Deixa que seja eu...

— Tu deves permanecer aqui...

— Devo acompanhar-te... Se entrar primeiro do que tu no local, tenho a certeza, de que ninguém te prestará a menor atenção... assim evitarei que te surpreendam.

— É uma boa ideia, mas temo que disparem sobre ti...

— Não o farão, pois sabem que me vou entregar...

Eles confiam na justiça do xerife, que fará o que John Bland disser.

— De acordo... Vamos!

— Muita sorte, rapaz!

— Obrigada, doutor — respondeu Stewart. — Porque é que não acompanha Emil?

— Pensava em fazê-lo...

Stewart dirigindo-se ao velho vaqueiro, disse-lhe:

— Saia primeiro você e avise os seus companheiros... e lembrem-se que não devem titubear! Dentro de cinco minutos sairemos nós!

O velho vaqueiro, saiu da casa do médico.

Chegou ao *saloon* e falou rapidamente com os seus companheiros.

Quando os cinco velhos abandonaram o local, ninguém se preocupou com eles.

Quando saíam, Stewart, Emil e o médico, aproximavam-se do local.

Com grande serenidade Emil seguiu o médico e entrou no local.

Bendix ao descobrir o jovem, não pode evitar que não lançasse um grito de enorme alegria.

— Venho entregar-me, xerife... — disse Emil. — O doutor convenceu-me a isso... Confio que seja feito um julgamento legal.

— Não creio, rapaz! — exclamou Bendix. — Serás enforcado logo que nasça o sol!

— Sou prisioneiro do xerife... Tive que matar em defesa própria.

— Assassinaste Owens de uma forma repulsiva!

— Enviaram recado por esse, o *barman*, não é verdade?

— Confio, xerife, que evite uma injustiça... — disse o médico.

— Eu indicarei, como representante da Lei, a justiça que deve ser aplicada a este jovem assassino!... Vamos julgá-lo agora mesmo.

— Isso não é legal, xerife.

O vaqueiro enviado por Boyes, entrou no escritório do xerife:

— Eu serei o juiz — disse John Bland.

Nesse momento, sem que ninguém reparasse nele, Stewart entrou:

As suas mãos iam apoiadas nas fundas das armas.

Escutava em silêncio, enquanto que fazia verdadeiros esforços para não disparar.

— Todos conhecem o que aconteceu! — exclamou o xerife. — Por isso vamos julgar já Emil Jaw! Analizados os assuntos, considero Emil Jaw culpado de assassínio!... Quem não estiver de acordo comigo, deve levantar a sua mão...

John Bland bem como os seus homens e o xerife, sorriam amplamente, ao ver que ninguém levantava o braço.

O médico, percorreu com o olhar aqueles rostos sentindo repugnância por tanta cobardia.

Levantou o seu braço, enquanto que dizia:

—Não é possível, que o xerife encarregado de implantar a lei e a ordem seja cúmplice deste crime!

John Bland, sorrindo cinicamente, respondeu:

— Como verá, respeitável doutor, a sua opinião é contra a de todos.

Naqueles momentos chegaram até eles o som inconfundível de vários tiros, que os fez humedecer.

Emil Jaw, mostrando uma serenidade lógica na sua situação e idade, disse:

— Os guardas do meu pai acabam de receber demasiado chumbo...

Uma palidez intensa cobriu o rosto do xerife e dos seus amigos.

—O que é que têm, cobardes? — perguntou Stewart. — Não é altura de se começarem a pôr em guarda.

O xerife, John Bland e Bendix, contemplaram aquele rapaz com imensa curiosidade.

E os três suspeitaram quem era aquele rapaz.

— Não devias ter-te detido aqui, rapaz... — disse John Bland. — Porque é que cometeste o erro de não teres seguido o teu caminho.

— Não queria ir-me embora, sem antes ter libertado esta região de um cobarde como o xerife — e dirigindo-se aos presentes acrescentou: — Não acham que chegou o momento de lincharem estes cobardes?

O xerife e os seus amigos compreendendo o perigo que seria para eles, que as testemunhas reagissem, tentaram utilizar as armas.

A exibição de Stewart, seria algo que aqueles homens nunca a poderia esquecer.

John Bland e Bendix caíram sem vida, enquanto que o xerife com os braços feridos, contemplava a cena aterrado.

— A você, xerife, não o quis matar... — disse Stewart. — Porque tenho a certeza que os seus vizinhos sentirão um enorme prazer em ajustar à sua garganta uma sólida corda de cânhamo.

Como se isto fosse uma ordem, um dos presentes,

reagindo ao seu cobarde letargio, fizeram-nos como selvagens.

Segundos depois de se terem arrojado sobre o xerife, este morria.

E os seus restos foram enforcados na porta do bar.

Outros vaqueiros, da equipa de Bland foram enforcados com ele.

A alegria das gentes de Albuquerque, era incontida.

E todos eles, sem excepção confessaram terem sido uns cobardes.

—Se alguma vez tentarem de novo implantar o terror, devem evitá-lo ao primeiro abuso — disse-lhes Stewart.

Bebiam como uns loucos convidados pelo dono.

De repente, um dos presentes disse:

— Rapaz!... Precisamos de um xerife que se saiba fazer respeitar! Porque é que não ficas connosco?

Todos apoiaram estas palavras com gritos de entusiasmo.

Stewart sorria com uma certa tristeza, ao pensar o que é que o Alcaide da prisão diria, ao presenciar aquela cena.

— Lamento, amigos, mas terão que procurar outro peito para essa placa... Tenho que seguir o meu caminho, logo que amanheça, para Alamogordo... A minha mãe espera-me com impaciência...

Ninguém insistiu.

E horas mais tarde, o médico, Emil, e os velhos vaqueiros de Jaw, abraçavam Stewart, quando este lhes disse que se ia embora.

— Quando cheguei a esta localidade, não sabia o que se sentia ao disparar sobre um semelhante... Mas hoje não estou arrependido de o ter feito!

—Jamais te poderemos esquecer, Stewart! — disse Emil abraçando-se ao jovem.

— O teu pai, pode estar orgulhoso de ti, Emil, és na verdade um homem.

Quando Stewart, montado sobre o cavalo se perdia no horizonte, Emil agitou o seu chapéu, dizendo entre lágrimas:

— Boa viagem e sorte, justiceiro!

— Qualificativo certo, Emil — disse o médico. — Não há dúvida, que esse rapaz, para nós foi um justiceiro!

★

Stewart e a sua mãe fundiram-se num forte abraço.

Durante muitos minutos, chorando de alegria permaneceram em silêncio.

Depois ambos fizeram uma chuva de perguntas.

Sem se separarem, abraçados, Stewart foi saudando os vaqueiros.

Todos o receberam com mostras de alegria.

— Agora devemos ir até ao povoado... — dizia a mãe. — Quero que todos te vejam ao meu lado!

— O que é que têm comentado durante estes anos? — perguntou Stewart.

— Lamentaram sinceramente a nossa situação e desgraça — e asseguro-te que todos se portaram admiravelmente comigo!

— Fico contente, mamã... o que é que o xerife de As Cruzes fez?

— Tentou convencer o juiz e o xerife daquela localidade para que rectificassem, mas não o escutaram... Foi

até Santa Fé para falar com o Governador, mas veio defraudado...

— Para tratar esses cobardes, mamã, só existe uma linguagem... a que eles conhecem!

A mulher olhou para o seu filho com preocupação, dizendo:

— Suponho, Stewart, que não estarás pensando na vingança, não é verdade?

— Com sinceridade, mãe, pensas que eu penso noutra coisa desde há cinco anos?

— Assustas-me, filho!...

— Não há razão para isso...

— Falaremos disso, depois... Confio em convencer-te.

— Não tentes convencer-me do contrário, mamã...

— Stewart disse muito séria. Chegaria a odiar-te se o fizesses!

— És tu, quem se deve convencer, que nada se consegue com a vingança.

— O teu marido e um dos teus filhos, foram assassinados, a mim encerraram-me na prisão durante cinco anos!... O que é que queres que eu pense depois disso?

A mulher apercebeu-se que era um erro tocar naquele tema naqueles momentos, pelo que com habilidade mudou de tema.

Stewart sorria, convencido de que não rectificaria os seus planos.

Os dois chegaram a Alamogordo.

Os vizinhos ao reconhecer Stewart, aproximavam-se para o abraçar e estreitar a sua mão com alegria.

Um grupo de amigos levou-o ao bar para beber um trago.

A mulher encaminhou-se para casa de uma amiga sua.

Quem se cruzava com ela, felicitava-a pelo regresso do filho.

Stewart, rodeado de amigos, teve que contar muitas anedotas da prisão.

Conversavam todos em boa harmonia, até que um jovem da idade de Stewart, disse:

— O que não podíamos imaginar era que vocês os Hobson, se dedicassem ao roubo de gado por As Cruzes... Foi uma surpresa para todos!

Um silêncio de tumba, reinou durante vários segundos.

Stewart, cravou o seu olhar no que tinha falado, respoondendo:

— Pensei que com os anos mudarias, Pressman... Mas vejo que continuas a ser tão cobarde como sempre!

O chamado Pressman, sorrindo de uma forma especial, avançou para Stewart, dizendo:

— Queres-me dizer então porque é que passaste cinco anos preso?

— Mas deves saber que foi tudo obra de uns cobardes assassinos!

— A única coisa que sei é que foste julgado legalmente...

— E o meu pai e o meu irmão? — perguntou Stewart.

— Foram também legalmente julgados?

— Sabes, e porque foste criado nestas terras, que para os ladrões, só existe uma Lei... a forca!... e segundo me informaram em As Cruzes, foi a Lei que aplicaram ao teu pai e ao teu irmão...

Um velho vaqueiro aproximou-se de Stewart, dizendo-lhe:

— Não discutas com Pressman... nestes anos adquiriu muita habilidade com o revólver... E já sabes que te

odeia desde que vocês eram crianças e jogavam ao pau e lhe davas! Essas pauladas é algo que o miserável nunca poderá esquecer!

— Deixa de falar, velho inútil... — disse ameaçador Pressman. — Se voltas a ofender-me terei que mostrar efectivamente, que tenho uma estranha habilidade com as armas.

Stewart olhou com simpatia para o velho vaqueiro, dizendo-lhe:

— Não tema, Bend... os cobardes, por mais hábeis que sejam nunca são capazes de se comportarem com honra... Não é verdade, Pressman, que continuas a ser um cobarde?

Agora Pressman empalideceu ligeiramente, replicando:

— Devias ter escutado a advertência desse velho charlatão... Lamentarei pela tua mãe, em matar-te, ainda que para a comunidade seja um bem! Não poderás mudar já que nasceste de uma família de ladrões!...

Os presentes, convencidos de que seriam as armas que poriam ponto final naquele diálogo, saíram de junto de ambos os inimigos.

— Sempre te superei com os punhos e com o revólver... — disse Stewart. — Fiquemos em paz e não voltes a ofender a memória dos meus. Ao fazê-lo procura apoiar as armas com as tuas palavras, pois que te matarei.

— Pratiquei muito durante cinco anos... — replicou burlão Pressman. — E tu?

— Apesar disso, continua a ser superior a ti... Não sejas estúpido e não queiras suicidar-te por isso para o comprovar!

— Olha como os teus amigos olham para ti. Não vês que têm pena de ti?

Outro dos presentes interveio dizendo:

— Creio, Pressman, que devias esquecer as coisas que aconteceram há tantos anos...

— Cala-te e não tentes voltar-me a distrair, matar-te-ia!

O que tinha falado, calou-se assustado.

Stewart dava-se conta de que aquele miserável, pois que sempre tinha sido má pessoa, era com efeito temido.

— Deixa de ameaçar, Pressman... — disse Stewart. — Insultaste a minha família e continuas vivo... És um homem de sorte! — Deixa-me então em paz!

— Confessa o teu medo, ladrão — respondeu Pressman. — Vou fazer-te o que há cinco anos as autoridades não fizeram em As Cruzes! Deveriam ter-te enforcado como fizeram ao teu pai e ao teu irmão! Valente família de ladrões.

Stewart, lívido como um cadáver, disse lentamente:

— Adverti-te nobremente, que se voltasses a ofender a memória dos meus te mataria... E vou cumprir a minha palavra!... Pronto?... Vou-te matar!

Pressman, com um trágico sorriso, moveu rapidamente as suas mãos.

Mas Stewart, não o tinha enganado, quando lhe assegurou que era superior.

Com as armas, empunhadas caiu sem vida.

Os presentes, perante o resultado do duelo, alegraram-se sinceramente.

Isto demonstrava a Stewart, que Pressman continuava a ser odiado pela maioria.

— Lamento... — desculpou-se Stewart. — Não posso ser responsável por quem se queira suicidar...

V

Um mês depois da sua chegada a Alamogordo, Stewart, sem escutar as súplicas da sua mãe, para que abandonasse as suas ideias de vingança, despedia-se dela.

Uma espessa barba, cobria o seu rosto.

Tinha a certeza que com aquela barba, quem o tivesse conhecido durante umas horas há cinco anos, não seria fácil de reconhecê-lo agora.

À medida que se ia aproximando de As Cruzes, uma estranha alegria ia-se apoderando dele.

Por fim, depois de longos cinco anos, tentaria a sua sonhada vingança.

Pô-la-ia em prática seguindo o plano que durante tantos anos tinha meditado.

A meio da tarde, deteve-se em Organ, uma pequena localidade, a poucas milhas de As Cruzes.

Desmontou frente à única taberna, de estilo mexicano, que existia.

Deixou o seu cavalo sem amarrar e entrou no local onde a essa hora não havia muitos clientes.

O proprietário e os seus poucos clientes, contemplaram-no com curiosidade.

— O que é que deseja, forasteiro? — perguntou o dono.

— Várias coisas... Entre elas, um trago de uísque.

O dono, serviu-o, perguntando-lhe:

— E que outras coisas deseja?

— Não tema...

— Sem intenção de ofender, pode-me mostrar o dinheiro?

— É norma da casa para todos?

— Apenas para aqueles que não conheço...

— Sendo assim, mostrar-lhe-ei o dinheiro... Prefere cobrar adiantado?

O amplo rosto do dono cobriu-se com um não menos amplo sorriso de satisfação.

— Como quiseres, rapaz... — disse.

— Não tenho inconveniente em pagar adiantado... Deve acrescentar ao que pedi, mais três caixas de munições para as minhas armas... Tem deste calibre?

Ao fazer a pergunta, Stewart empunhou uma das suas armas e o dono retrocedeu instintivamente.

— Não tema, amigo... só desejo mostrar-lhe o calibre que uso...

O dono, esforçando-se por sorrir, respondeu:

— Sim... ainda que não seja muito vendido.

— Sendo assim, confio que me faça um preço especial...

Os presentes observavam-no curiosos.

E um deles, sorrindo, disse:

— Eh, rapaz!... pensas em declarar uma guerra?

— Tenho, como pode ver os canos vazios... e uma ocasião fiquei num grande apuro por não ter munições... Não quero que se repita.

Os presentes sorriram abertamente.

O dono, depois de fazer as contas mentalmente disse:

— Dá-me seis dólares por tudo...

Stewart franziu o sobrolho, comentando:

— Não gosto que abusem da minha boa fé e muito menos que me tomem por tonto. Quer dizer-me quanto lhe devo?

Os presentes agora sorriam abertamente.

— Não há dúvida que te enganaste com esse jovem — disse um.

— Creio estar a levar o preço justo... Já que ignoro o que possas comer e, se o fizeres, em relação ao teu enorme corpo, creio que perderei dinheiro.

Stewart não teve outro remédio senão rir perante este comentário, replicando:

— Pode ser que tenhas razão... Aqui tem!

E entregou ao dono o dinheiro pedido.

— Devem tratar bem do meu cavalo... — acrescentou Stewart. — E lembre-se que esse cavalo, quando, me juntar a ele, dir-me-á se foi bem tratado ou não.

Agora foram todos que riram de boa vontade.

Segundos depois, sentava-se para descansar, à espera de que lhe servissem a comida.

— Há muito tempo que galopavas?— perguntou o dono.

— Muitas milhas... — mentiu Stewart.

— Que direcção levas?

— Para Oeste... Para a melhor terra!

— Para Tombstone?

— Onde é que fica isso? — perguntou Stewart.

— Será que não ouviste falar desse inferno de prata? — perguntou surpreendido o dono.

— Ainda que pense que é uma vergonha, não tenho outro remédio senão confessar, que é a primeira vez que oiço falar dessa tumba de pedra... É longe daqui?

— No Arizona...

— Demasiado longe. Ficarei neste território... Não sou ambicioso. E pelo que um velho me contou sobre os acampamentos de mineiros, não é lugar que me agrade. Matarem-se uns aos outros por um punhado de prata, é algo que me horroriza.

— Dizem que há grandes riquezas, fáceis de conseguir...

Stewart olhou detalhadamente para o dono, respondendo:

— Se fosse como diz e acreditasse, tenho a certeza de que já não estaria aqui.

De novo, os curiosos riram-se. O proprietário do local, sorrindo, respondeu:

— Tens razão, rapaz... Nunca fiz caso das fantasias desses campos mineiros.

E depois, acontece-me como a ti, não sou ambicioso... Então para onde é que vais?

— Vejo que a profissão o tornou curioso...

— Não deves aborrecer-te, rapaz, se na verdade as minhas perguntas te desagradam, se não responderes, é o suficiente.

— Pode perguntar o que quiser — disse Stewart. — Vou para As Cruzes.

— Estamos muito perto dessa localidade.

— Conheço o caminho.

— Já estiveste alguma vez nesta zona?

— Sim.

— Não me lembro de ti.

— Foi já há alguns anos. Estive no rancho de Olson Crow, antes de o matarem.

Os que estavam a beber olharam-no com mais atenção e um deles, disse:

— Há anos que trabalhamos em As Cruzes e não nos lembramos de ter visto ninguém da tua estatura.

— Já disse que foi há alguns anos... e para ser sincero não passei muito tempo lá.

— És um rapaz sumamente estranho — disse outro vaqueiro. — Vais disposto para ficara trabalhar?

— É a minha ideia.

— Será de supor que não decidiste em fazê-lo para a viúva de Crow, não é verdade?

— Ainda não me decidi e suponho que ficarei com quem me pagar melhor.

— Como é que te chamas? — perguntou de repente um dos vaqueiros.

— O que é que pode importar um nome?... disseram-me que a filha dos Crow é muito bonita...

— É preciosa... Conhece-la?

— Não... Quando estive em As Cruzes ela estava longe dali.

— Esteve a estudar longe de As Cruzes durante vários anos.

— Que tal vão as coisas para essas duas mulheres?

— Bastante mal, apesar de possuírem o rancho mais bonito da comarca.

— As tuas palavras surpreendem-me — disse Stewart...
— A que é devido?

— Ao pouco gado que têm — respondeu um dos vaqueiros.

— Segundo ouvi, pensam em vender a propriedade.

— Quem vende acaba — comentou Stewart. — Não creio que a senhora Crow faça semelhante disparate. Se o fizesse, será algo que lamentarei sinceramente, já

que recordo o senhor Crow com verdadeiro carinho. Sentia paixão pelo seu rancho.

— O que é que pensas sobre a sua morte?

— Sentia enormemente.

— Também a sentiram alguns rancheiros amigos, mas depois demonstrou-se que não era uma pessoa boa. Apresentou-se no gabinete do juiz, se não assassinou este, por umas investigações que fazia foi por causa da presença do xerife.

— O senhor Crow era incapaz de matar... Não acredito em tal.

— Pois asseguro-te que assim foi... O senhor Crow, ao inteirar-se que o juiz investigava de acordo com o xerife, a sua propriedade, onde se suspeitava que existia gado com diferentes marcas, quis impedi-los. Essa foi a verdadeira razão de que censurasse as autoridades por terem enforcado um par de ladrões uns dias antes...

Stewart sabendo que se referia ao seu pai e irmão, sentiu desejos de disparar.

— Lembro-me... — disse Stewart.

— Estavas ali?

— Quando enforcaram aqueles homens sem serem julgados, não... Mas ouvi *mister* Crow contar isso... Cheguei uns dias mais tarde.

— Pois não te recordamos — disse um dos vaqueiros olhando-o detalhadamente. — Nunca tinha visto um homem tão alto como tu.

— Falarei com a senhora Crow e espero convencê-la a que não venda... Não pode perder, o que custou tanto ao marido a criar.

— Não poderás fazer nada para as ajudar, rapaz. Economicamente, estão muito mal.

— São as duas mulheres mais orgulhosas que eu jamais conheci — acrescentou outro. — Só têm dívidas e apesar disso tratam os outros altivamente... Se eu fosse o meu patrão!

— Não compreendo o significado das tuas últimas palavras — disse Stewart.

— O meu patrão deu-lhes dinheiro porque queria casar-se com Nancy e apesar disso elas tratam-no como se ele fosse um criado...

— Imagino que essas mulheres terão os seus motivos para agirem como agem.

— Claro que têm motivos... São um par de orgulhosas!

— Recordo com carinho a senhora Crow que era uma pessoa simples e...

— Pois então mudou muito desde então, rapaz. Claro que agora ficarão sem o rancho.

— Porque razão?

— Terão de pagar em poucos dias ou o meu patrão ficará com ele. Está perto do Rio Grande, por isso tem magníficos pastos.

— Há coisas que não compreendo... — comentou Stewart. — Primeiro asseguraste que essas mulheres não têm muito gado e acto continuo por essa propriedade estar nas margens do rio, possui uns pastos magníficos... Com essa espécie de pastos não se pode criar então uma bela ganadaria?

— Tiraram-lha há anos.

— Compreendo... Recordo quando lá estive a ganadaria era abundante...

— Assim é rapaz, antigamente era o rancho que possuía mais cabeças de gado da comarca. Não foi reposto

o gado que lhe foi tirado quando se provou que o velho Crow era um ladrão.

— Perdoa, mas não acredito que o velho Crow, fosse um ladrão.

— Pelo menos, as autoridades, assim o demonstraram... A senhora Crow, depois da morte do marido, afastou-se de As Cruzes. Esteve afastada desta comarca com a sua filha, durante um par de anos.

— E durante esse tempo ficaram sem gado, não é verdade?

— Assim é... deixaram o rancho nas mãos de um capataz e regressaram há uns três anos... Foi quando pediram dinheiro ao meu patrão para tentarem levantar o rancho.

Stewart, recordando com tristeza aquela época, ficou silencioso.

Estava absorto, pensando nas suas coisas de que estava falando com aqueles vaqueiros.

— Não disseste que conheces As Cruzes?

— Certo... — respondeu.

Mas acto contínuo voltou a ficar absorto.

O que tinha feito a última pergunta, voltou a perguntar:

— Como é possível que tendo trabalhado no rancho dos Crow ignorasses que é uma linda propriedade?

Stewart, distraído permaneceu em silêncio.

— Tenho a impressão que este rapaz, nunca esteve em As Cruzes, nem as conhece como diz.

O silêncio de Stewart era mal interpretado.

— Eh, rapaz! — exclamou um aborrecido. — Estamos a falar contigo!

Voltando à realidade, Stewart exclamou:

— Oh, perdoem-me... Não me apercebi...

— Estamos a dizer que tu nunca estiveste em As Cruzes...

— Só que vocês queiram pensar é algo que não me preocupa.

— Deves falar com mais respeito, rapaz — disse o outro vaqueiro, ofendido. — Não queremos evitar que chegues a As Cruzes.

— Asseguro-vos que não o conseguireis. E posso-vos assegurar que evitarei que o vosso patrão se apodere do rancho dessas duas mulheres.

— Muito, interessante, rapaz! — exclamou um deles num tom irónico. — Pode-nos dizer como é què vais consegui-lo?

— Existe uma infinidade de meios... Uma vez em As Cruzes, depois de ouvir a senhora Crow, decidirei qual será a mais eficaz.

— Posso-te assegurar que nada poderás fazer para que esse rancho não passe para a mão do nosso patrão.

— Em breve compreendereis, como estão equivocados.

— Ignoras muitas coisas, rapaz, entre elas, a quantidade de dinheiro que essas mulheres devem ao nosso patrão.

— Isso não tem importância.

— Se esperas convencer o nosso patrão para que te dê uma prorrogação para efectuar o pagamento, perdes tempo.

— Quando falar com ele acederá a tudo.

— Se conhecesses o meu patrão, não falarias assim.

— E se vocês me conhecessem, não pensariam dessa maneira.

— Gostaria de conhecer o teu nome, rapaz...

— Nada vos diria...

— Apesar de tudo gostaria de o saber...

— Stewart Hobson.

Os vaqueiros ficaram pensativos durante uns minutos, depois moveram negativamente as cabeças.

— Com efeito, nada nos diz o teu nome... — disse um. — Se puxar pela memória é possível que saibamos alguma coisa.

Os vaqueiros voltaram a ficar pensativos.

Mas segundos mais tarde, voltaram a afirmar que o nome nada lhes dizia.

— Se quiserem, posso-vos refrescar a memória... — disse Stewart. — Logo que saibam que aqueles dois homens que eram pai e filho, acusados de ladrões eram da minha família... Vá lá, vejo pelo vosso rosto que começam a recordar-se! Alegro-me!

— Claro que me lembro!... — exclamou um. — Ouvimos falar de ti! Disseram-nos que terias de passar um grande tempo na prisão...

— E estive, amigos... cinco anos!

— Asseguravam-nos que nunca sairias dali...

— A minha presença aqui, indica que quem vos assegurava tal coisa, estava enganado... Não acreditam?

— Não terás fugido?

— Posso assegurar-te que não... Quem é o vosso patrão?

— Evan Wallace...

Stewart pôs-se muito sério e disse:

— O que era xerife quando enforcaram o meu pai e o meu irmão?

— O mesmo... E continua a ser o xerife!

Os olhos dé Stewart tornaram-se repentinamente muito vivos.

De repente, olhou fixamente aqueles dois vaqueiros, perguntando-lhes com naturalidade:

— Há muito tempo que trabalham com ele?

— Quatro anos...

— Sois homens de sorte... — comentou Stewart.

— Porque razão?

— Se fosse há mais de cinco anos, seria possível que algo vos corresse mal. Esse é um dos cobardes cujo nome figura na minha mente e para quem tenho reservada uma bala nos meus tambores das minhas armas.

Os vaqueiros sorriram maliciosamente.

— A que é que acham graça? — perguntou Stewart.

— Há tua forma de falar... Pressinto que és um fanfarrão...

— Não o sou, rapazes... O vosso patrão, morrerá às minhas mãos...

VI

É fácil de falar assim quando não se está defronte da pessoa a que nos referimos!

E o vaqueiro que falava inclinou-se sobre si, encorvando-se um pouco com os braços caídos e não longe das armas.

— Nada tenho contra vocês. O ocorrido passou-se já há mais de cinco anos... e então não estavam com esse cobarde.

— Mas estou-te a dizer que não se deve falar assim de quem não está presente.

— E como é que falarias de uma pessoa que tivesse ajudado a assassinar o teu pai e irmão, e não contentes com isso tudo, te tivessem preso durante cinco anos? — perguntou Stewart.

— O teu pai era um ladrão assim como o teu irmão e...

Não pôde acabar.

As armas de Stewart que lhe apareceram nas mãos sem sequer o dono do local se ter apercebido, dispararam sobre os dois, matando-os.

Stewart contemplava os cadáveres em silêncio.

E o proprietário do local, engolia a saliva com dificuldade.

E contemplava o autor daquelas mortes, com assombro e temor.

— Não devia ter insultado a memória dos meus... — — disse Stewart, olhando o dono. — Muito menos, mentindo!

— Compreendo, rapaz...

— Se não os tivessem insultado, continuariam vivos...

E Stewart enfudou o revólver com que acabava de disparar.

Um vaqueiro entrou e contemplando aqueles cadáveres perguntou:

— Quem é que matou estes?

— Fui eu... — resopndeu Stewart.

O que tinha feito a pergunta, encaminhou-se para o balcão em silêncio.

Stewart não o perdia de vista.

— O que é que se passou? — perguntou o mesmo.

— Que interesse é que podes ter? — perguntou por sua vez Stewart.

— Esses dois rapazes eram meus companheiros.

— Pois lamento-o, mas obrigaram-me a matá-los...

— É verdade, amigo — disse o proprietário da taberna.

O vaqueiro nada disse.

Mas segundos depois, tentava atraiçoar Stewart.

Quando Stewart guardava a arma, de novo, havia mais outra vítima.

— É lamentável o que sucede! — comentou Stewart, guardando a arma. — Primeiro desejam matar-me por falar mal de um ser desprezível e, mais tarde esse pobre deseja vingar os seus companheiros... Assim, não me admira que uma pessoa se converta num trágico pistoleiro...

O proprietário do local observava Stewart como se tratasse de um ser irreal.

Admirava-o a rapidez e segurança com que manejava o *Colt*.

Mas não gostando da forma como ele vigiava, o rapaz disse:

— Nada tens a temer de mim. Ouvi falar de vocês e ninguém pensa que o teu pai era um ladrão. Era conhecido nesta região. Foi um complote do juiz Hoffman e dos seus amigos para o matarem, porquê, ninguém sabe... Ainda que suspeitemos que fosse pela acusação que a povoação de Alamogordo fez contra o juiz Hoffman, pela morte de uma menina.

«Ele que antes era o proprietário deste negócio, gostava muito, por conhecer bem o teu pai. Ouviu-o maldizer uma infinidade de vezes o juiz Hoffman e o xerife Wallace. Hoffman foi nomeado juiz federal e agora fala-se dele, como um dos representantes do Novo México. O cargo de Hoffman é que lhe dá a força que tem. Mas na verdade, são os cabecilhas de um grupo de velhacos.

— Stewart olhava para o dono e disse.

— Tens a certeza do que disseste?

— Pois claro que tenho! Todos sabem que Hoffman e Wallace são os donos de As Cruzes e de toda a comarca. Fazem-no saber com frequência. Abusam de todos. Tens que ter cuidado se na verdade vais para As Cruzes... Não digas quem és... porque se te reconhecem depois de todos estes anos... se sabem que vais, matar-te-ão.

Stewart ficou pensativo.

Era de muito valor a informação que o dono do armazém lhe dera.

Quando os que estavam à porta ou andavam por ali,

entraram ao ouvir o segundo tiro, que era o terceiro, o proprietário dizia-lhes que tinham querido surpreender Stewart para o roubar, por lhe terem visto dinheiro quando ele ia a pagar.

Não queria dizer quem era para não chegar aos ouvidos dos amigos do grupo que matou o pai e o irmão de Stewart e Olson Crow que tinha sido outra grande pessoa.

Como os três homens tinham as mãos sobre as culatras das suas armas, era lógica a afirmação do dono.

E disse o mesmo quando o xerife se apresentou.

Mas este comentou:

— São três homens do xerife Wallace! Não compreendo porque é que quiseram matar este rapaz!

— Pois então não há outra razão para o quererem matar sem ele fazer nada. Provocaram-no, dispostos a disparar sobre ele. Eu estava presente, não o esqueça, xerife — acrescentou o dono.

— Não é que esteja a pôr em dúvida! Tenho é a certeza de que Wallace nos dará guerra, por se tratar de três dos seus homens em que ele tinha confiança.

— São eles os únicos responsáveis, provocaram este rapaz com intenção de acabar com ele.

Com estas palavras o dono satisfez o xerife.

Mas mais tarde, enquanto que Stewart comia, o xerife aproximou-se dizendo:

— Acabam de me informar sobre algo importante...

Stewart olhou o xerife com receio, dizendo:

— O que foi?

— Informaram-me que quando falavas, vos ouviram da rua. Sei quem és e estamos de acordo em que foi um assassínio o que fizeram com os teus familiares e com

Olson Crow... É um abuso imperdoável o que estão a fazer com a viúva Crow e a sua filha...

Para Stewart era uma surpresa agradável o que escutava e que manifestava, depois de tantos anos, que não era odiada a recordação dos seus.

Emocionado, estendeu uma mão para o xerife, dizendo.

— Não sabe quanto me alegra ouvi-lo falar assim!

Os que iam chegando olhavam Stewart com simpatia e ele soube que todos os estimavam por ser quem era e por se ter enfrentado com os homens que dominava uma larga região, escudados na sua amizade com Hoffman, que era sem dúvida, sócio do xerife Wallace.

Stewart foi bem informado sobre quem pertencia ao grupo que tinham acusado e enforcado os seus familiares.

Preparava o seu cavalo, quando um jovem de estatura muito próxima da sua se aproximou, dizendo-lhe:

— Acabam de me dizer que vais para As Cruzes... eu vou na mesma direcção e conheço bem o caminho, importa-te que te acompanhe?

Stewart contemplou aquele rapaz e depois de uns segundos de dúvida, disse:

— Podes vir... És de As Cruzes?

— Já te disse que desconheço o caminho... se fosse de As Cruzes, crês que ignoraria tal coisa?

— Tens razão! — respondeu Stewart sorrindo. — Vais trabalhar?

— É o que quero fazer .

— Conheces alguém nesse povoado?

— Não.

— Porque é que vais então para As Cruzes e não ficas aqui?...

— Sinto uma grande curiosidade por conhecer os

homens que conseguiram dominar e quase se poderia assegurar tornarem-se donos, de uma zona violenta e selvagem como esta...

— Pela minha parte estou ansioso por os ter à minha frente!

— Pelas tuas palavras deduzo que não são muitas as simpatias que nutres por eles... engano-me?

— Tenho razões de sobra...

— Conheço-as e estou de acordo contigo... Merecem um castigo exemplar!

Stewart olhou para aquele jovem com simpatia, respondendo:

— Alegro-me que penses dessa forma... Não deixarei um só com vida. São uns cobardes!

— Se não tens inconveniente, posso ajudar-te a vingar os teus familiares...

— Não quero nem preciso da tua ajuda!

— A minha intenção não era aborrecer-te... O meu nome é Gary...

E aquele jovem estendia a sua mão direita para Stewart.

Este estreitou a mão e sorrindo, replicou:

— Não guardes rancor pela minha brusquidão, Gary... Asseguro-te que não me aborreceste... chamo-me Stewart.

— Espero que ao chegarmos a As Cruzes, sejamos bons amigos.

— Não tenho inconveniente... qual é a razão pela qual vais para As Cruzes à procura de trabalho?

— Já te disse...

— Perdoa, mas não te posso acreditar, que seja apenas por curiosidade...

— Durante o caminho contar-te-ei porque é que desejo ir a esse povoado. Entre muitas coisas que desejo averiguar e que são de suma importância para mim, está a morte dos teus familiares. Tenho que descobrir as causas pelas quais os acusaram de ladrões para os enforcarem com tanta rapidez... bem como a morte de Crow...

Stewart observava agora Gary com sumo interesse.

— Porque é que te interessa averiguar a causa da morte dos meus e de *mister* Crow?

— Recebi instruções para averiguar... Em Santa Fé, interessa muito averiguar a verdade, sobre o juiz Hoffman...

Stewart contemplou Gary, inquirindo:

— A quem é que interessa conhecer a verdade sobre esse cobarde?

— Ao próprio governador...

Stewart franziu o sobrolho, perguntando com clara desconfiança.

— Federal?

— Não... sou um enviado especial do governador.

— Compreendo...

Gary, apercebendo-se que algo acontecia com aquele rapaz, disse:

— O que é que te preocupa?

— Que podes impedir que as minhas armas entrem em acção.

— Será um acto de justiça que não evitarei.

— Isso tranquiliza-me.

— Na verdade vou a As Cruzes para saber quem é que acusou Crow de tentativa de assassínio e de ladrão. Existe um Senador, que por ser íntimo dos Crow, tem muito

interesse em conhecer a verdade. Não deu crédito à informação enviada pelo xerife de As Cruzes.

— E porque é que confiaste em mim?

— Sei que saberás esconder a minha personalidade.

— Porque é que estás tão seguro?

— Por te conhecer... Deram-me informações sobre ti, o médico da Prisão... Admira-te sinceramente e por ele conheço quais são os teus propósitos...

— E apesar de tudo, fias-te... Não o compreendo!

— Tenho a certeza de que não decepcionarás a minha confiança.

— Podes ter a certeza...

— Já o sabia. Conheci outro médico e um rapaz muito jovem em Albuquerque que ao saberem que eu vinha para aqui, me pediram que te abraçasse em seu nome. És um ídolo para os habitantes de Albuquerque.

— Sabes ao que me vi obrigado a fazer?

— Sim...

— E que é que pensas de tudo isso?

— Estou de acordo com a opinião que esse jovenzinho tem de ti... És um justiceiro!

— Obrigada...

— O que é que pensas em fazer em As Cruzes?

— Vingar o meu pai e o meu irmão.

— Lógico — replicou Gary. — Mas antes de iniciar a tua vingança, não pensas ajudar a senhora Crow e a sua filha?

— Claro que sim!

— Connosco creio que evitaremos que tenham que se afastar de As Cruzes e que o cobarde de Evan Wallace se apodere da propriedade dessas mulheres.

— Será simples evitar mais injustiças... — disse Ste-

wart. — Vou disposto a utilizar a única linguagem que compreendem esses cobardes.

— Com a tua ajuda, será simples averiguar o que desejo.

— Eu conseguirei que confessem os seus delitos.

E uma vez de acordo, os dois jovens montaram a cavalo, afastando-se de Organ.

Ao anoitecer, entraram em As Cruzes.

Ambos desmontaram defronte da propriedade de Boyes.

Entraram segundos depois no *saloon*, com decisão. Os presentes contemplaram com curiosidade os dois.

Boyes em pessoa, atendeu-os.

— Olá, forasteiros... Uísque?

— Sim — respondeu Gary.

Boyes serviu-os, perguntando-lhes.

— De passagem?

— Não. Ficaremos durante uma temporada... O rancho da senhora Crow é longe?

Boyes franziu o sobrolho, perguntando:

— São amigos da senhora Crow?

— Isso não creio que lhe importe muito, amigo — respondeu secamente Stewart.

Boyes sorriu de forma especial, replicando:

— Perdoem, rapazes, não os queria aborrecer.

E sem deixar de sorrir, afastou-se deles.

Segundos depois fazia sinal a um vaqueiro que se aproximou do balcão.

— Vai até ao escritório do xerife e avisa este... Diz-lhe que estes dois forasteiros perguntaram pelo rancho Crow... Rápido!

O vaqueiro sem fazer o menor comentário afastou-se do balcão.

Quando saía do local, Stewart disse:

— Creio que em breve vamos receber a visita do xerife.

— O *barman*, enviou o recado por esse, não é verdade?

— Pensei que não tinhas percebido.

— Sim.

E sorrindo, ambos continuaram a falar, ainda que pendentes da porta da entrada.

— O teu chefe não está, Ingomar?

— Não deve demorar muito... o que é que desejas?

— Envia-me Boyes.

— Algum recado importante?

— De certo modo. Chegaram dois vaqueiros que perguntaram pelo rancho da senhora Crow.

O ajudante do xerife contemplou o informador, perguntou:

— Conhecidos?

— Se o fossem dariam os seus nomes, mas são forasteiros.

— Amigos dessas mulheres?

— Ignoramo-lo. Só sabemos que perguntaram pelo rancho delas.

Evan Wallace entrava nesse momento no seu escritório.

Informado sobre a presença de dois forasteiros, encaminhou-se para o local de Boyes.

O seu ajudante foi atrás dele.

Logo que entraram no local, olhando para todas as direcções, Stewart, sorrindo, disse:

— Como vez, não nos enganamos...

— Fico contente por conhecer um dos cobardes... — replicou Gary.

Stewart teve que realizar verdadeiros esforços para não disparar sobre Boyes sem prévio aviso.

Ao ver que o xerife e o seu ajudante se encaminhavam para eles, ambos se puseram em guarda.

Stewart, por conhecer a forma como actuava aquele homem, não se podia fiar.

VII

— Boas noites, forasteiros — cumprimentou o xerife.

— Boas noites — responderam os dois friamente.

— De passagem, não é verdade?

— Não se faça de novo, xerife, já o informaram que não é assim.

O xerife olhou fixamente e muito sério para Stewart, pois tinha sido este que acabara de falar e, de repente, sorrindo, disse:

— Tens razão, rapaz... Acabam de me dizer que perguntaram pelo rancho da senhora Crow... Certo?

— Certo — respondeu Gary com rapidez.

Stewart contemplava o xerife com um brilho especial nos olhos.

— Sois amigos dessas mulheres? — perguntou o xerife.

— Envia-nos um amigo dessa família. Creio que precisam de ajuda.

O xerife, voltou a observar os dois jovens com mais atenção, respondendo sorridente.

— Nada podeis fazer para as ajudar.

— A que é que se deve essa certeza?

— Por conhecer a situação dessas duas mulheres.

— É possível que esteja enganado — respondeu num tom de voz que preocupou Gary.

Depois de uma breve dúvida, o xerife perguntou:

— Vindes de muito longe?

— Sim — respondeu Gary.

— Não tem nome o lugar de onde vêem?

— De Socorro.

— Quem é o amigo que vos envia?

— Não creio que o nome do nosso patrão lhe diga nada — respondeu com rapidez Gary.

— Mas gosto de saber quem são os que nos visitam.

— Jack Friedman é o nosso patrão.

O xerife ficou pensativo por uns segundos.

De repente sorriu amplamente ao dizer:

— Lembro-me do vosso patrão... Esteve há um par de anos por aqui. Passou uns dias no rancho dos Crow.

Depois, o xerife olhando detalhadamente para Stewart, perguntou-lhe:

— Onde é que já nos vimos?

— É a minha primeira visita a esta zona — respondeu com naturalidade Stewart. — Se esteve em Socorro, é possível que nos tenhamos visto lá.

— Pois juraria que o teu rosto não me é desconhecido.

— Disseram-nos que foi você quem emprestou dinheiro à senhora Crow e quem ficará com a propriedade dessas mulheres dentro de dias. Isso é verdade?

— Quem é que vos disse isso? — perguntou o xerife ao mesmo tempo que contemplavam com fixidez os que estavam no local.

— Não deve desconfiar de quem está aqui, xerife — disse Gary, sorrindo.

— Então quem foi?

— Um habitante de Hacht.

Isto fez com que o xerife voltasse a sorrir.

— Assim é — disse. — Dentro de uma semana, senão pagarem o que me devem, o rancho dessas mulheres passará a ser minha propriedade.

— Bonito negócio o seu.

— Não serei o responsável, rapaz.

— Quanto lhe devem? — perguntou Stewart.

— Muito dinheiro.

— Sem dúvida menos do que o valor do rancho, não é verdade?

— É possível.

— Não nos pode dizer quanto?

— Cinco mil dólares.

— E pensa que essas mulheres não lhe poderão pagar?

O xerife desatou a rir.

— A única salvação será vender o rancho — disse Stewart. — Engano-me?

— Não, rapaz — respondeu o xerife. — É uma possessão lindíssima. O melhor rancho a sul do Novo México.

— Porque é que não concede a essas mulheres uma prorrogação para pagarem a dívida que tem consigo? — perguntou Gary.

— Preciso com urgência desse dinheiro.

— Do dinheiro ou do rancho? — perguntou Stewart com ironia.

— Uma das duas coisas — respondeu o xerife no mesmo tom.

— É possível que nós possamos fazer algo.

— Perdereis o tempo, rapazes.

— Confiemos que não seja assim.

— Seria conveniente que voltassem a Socorro e dissessem ao vosso patrão que nada se pode fazer por essas

duas mulheres — disse o ajudante do xerife. — Nem é preciso que as visitem.

— Se nos convencermos que são vocês que têm razão, escutaremos os seus conselhos — disse Gary, para evitar que Stewart respondesse.

— Há um acoisa que nos contaram desta comarca que nos surpreendeu tanto que não pudemos acreditar — comentou Stewart sorrindo.

— A que é que te referes, rapaz — perguntou o xerife curioso.

— Disseram-nos que esta comarca tinha um só dono — respondeu Stewart em tom irónico. — Não é verdade que isto será uma aldrabice?

O da placa e o seu ajudante, contemplaram fixamente Stewart.

— Quem é que vos disse isso? — perguntou o xerife.

— Um vaqueiro.

— Onde?

— Em Organ... — respondeu Stewart.

Gary contemplou fixamente, reprovando-o com o olhar.

Stewart compreendeu que tinha cometido um erro, mas não se preocupou muito.

— Em Organ? — perguntou o xerife. — Como é que é possível que vindos do norte passassem por essa pequena localidade que está a oeste daqui?

— Porque decidimos passar por ali para cumprimentar um amigo que trabalhou connosco em Socorro.

— Como é que se chama?

— Isso não importa.

— Ainda não respondeu à minha pergunta, xerife — insistiu Stewart. — É verdade que esta comarca tenha um só dono?

— Enganaram-nos! — bramou o xerife, aborrecido.

— Pois esse vaqueiro, assim como outros cidadãos de Organ, insistiram que um tal Hoffman era o verdadeiro amo e senhor desta comarca.

— Já disse que não é verdade!

— Não deve aborrecer-se comigo, xerife — disse Stewart sorrindo. — Só digo o que nos contaram e ao qual não demos crédito.

— O senhor Hoffman é a pessoa mais estimada da comarca, mas nada mais.

— Também nos asseguram que eram muitos os abusos que os seus amigos cometiam nesta zona amparados por esse personagem que é influente e tem um cargo importante.

— Não acredito que lhes tenham contado nada disso! — gritou Ingomar, o ajudante do xerife.

Stewart contemplou detalhadamente aquele homem e depois, olhando para Gary, disse em tom irónico.

— Pensas que nos está a chamar mentirosos?

— Com efeito Stewart... respondeu Gary... Mas tenho a certeza que o não faz com má intenção... é verdade, não é, amigo?

— Não deveis aborrecer-vos com o meu ajudante — disse o xerife com rapidez. — É um homem muito nervoso e como estima muito o senhor Hoffman, pensa que não existem pessoas que possam dizer tais coisas.

— Pois deve advertir o seu ajudante para que não volte a cometer o erro de nos chamar mentirosos — disse Stewart com grande serenidade. — Lamentaria zangar-me.

Agora foi o xeirfe que sorrindo amplamente disse:

— Tenho o pressentimento e, a julgar pela nossa breve conversa, que se ficais aqui, vão ter muitas surpresas.

— Encantar-me-ia que falasse com sinceridade, xerife... — pediu Stewart.

— Fá-lo-ei, rapaz. Quero advertir-te, em especial a ti, que a linguagem que utilizas nesta localidade é como atear uma mecha a um cartucho de dinamite... Podes fazer uma explosão com trágicos resultados.

Gary fez sinal a Stewart para que se calasse.

Stewart obedeceu muito a seu pesar.

— Gostaria de conhecer os rapazes que falaram dessa forma embusteira do meu patrão — disse Boyes.

— Isto é propriedade do juiz Hoffman? — perguntou Gary.

— Sim... eu apenas o dirijo.

— Pois asseguro-te que tanto em Hatch como em Organ são muitos os que pensam assim sobre o teu patrão.

— E também nos disseram que seria trágico para o território que nomeassem *mister* Hoffman como representante.

— Há muitas invejas — comentou o xerife.

— É o que eu penso... — disse Gary, fazendo novamente sinais a Stewart para que não continuasse a falar de Hoffman daquela forma.

Stewart gozava fazendo sofrer aqueles homens.

E sabia que o conseguia falando daquela forma de Hoffman.

O xerife, que começava a sentir-se incomodado pelo tom de voz que Stewart usava, decidiu sair do local para não perder a serenidade.

Confiava em que aqueles dois rapazes, uma vez infor-

mados sobre a verdadeira situação em que se encontravam a senhora Crow e a sua filha, se afastariam com rapidez de As Cruzes.

Ingomar, o ajudante do xerife, saiu atrás do seu chefe.

— Não estou de acordo com a tua atitude! — protestou Ingomar.

— Deves ter paciência.

— Considero que não devíamos permitir que falassem como fizeram de Hoffman.

— Tranquiliza-te, Ingomar — aconselhou o xerife. — E lembra-te que em Hatch e em Organ há muito que não nos apreciam.

— Se soubessemos quem é que falou dessa maneira!

— Encarregar-nos-emos de averiguar.

Por seu turno Boyes dizia a um dos empregados do local.

— Há algo nesse rapaz, no mais alto, que me preocupa. Diverte-se a falar mal de Hoffman.

— Pensas que o conhece?

— É possível.

Gary perguntou de novo como é que poderiam chegar ao rancho da senhora Crow.

— Devem ir por Este. E voltando para Sul a umas cinco milhas encontrareis a casa.

Pagaram o uísque que beberam e saíram do local, despedindo-se de todos em geral.

Foram poucos os que responderam ao cumprimento dos dois jovens.

Uma vez na rua, Stewart disse:

— Antes de visitar essas duas mulheres gostaria de ir à barbearia.

— É uma boa ideia. Assustá-las-ias com esse aspecto.

— O que temo, é que não me reconheçam assim.

— Eu diria, que o que não queres, é causar má impressão a Nancy Crow de quem ouvi dizer muitas coisas referentes à sua grande beleza...

Os dois sorriram abertamente.

Depois comentaram a entrevista com o xerife.

— Tive de fazer um esforço enorme para não disparar sobre aquele cobarde! — confessou Stewart.

— Apercebi-me disso — respondeu Gary. — Mas foi preferível assim. Antes de a grande festa começar temos que solucionar o problema dessas duas mulheres.

Sem deixarem de falar, entraram na barbearia.

Uma vez arranjado, sem barba e com o cabelo cortado, o aspecto de Stewart mudou por completo.

Dispunham-se a montar a cavalo, quando ouviram vários disparos.

Olharam para o *saloon* e viram um homem que vinha a correr dali.

Três vaqueiros apareceram à porta a rir em grandes gargalhadas, continuaram a disparar para os pés daquele pobre homem e que não parava de saltar completamente assustado.

Aquela cena, fez com que Stewart recordasse o que tinha acontecido em Albuquerque.

— Quieto, Jessy! Se não páras, obrigas-nos a disparar e matar-te.

Foi o que gritou um dos que disparavam.

O homem que fugia ficou como que petrificado e tremendo visivelmente.

— Venha cá! — ordenou outro dos três vaqueiros.

Jessy, completamente aterrorizado obedeceu.

Stewart, perguntou a um homem que estava próximo dele.

— Quem são esses vaqueiros?

— Pertencem ao rancho do honorável Hoffman — respondeu o interrogado.

Gary sentiu medo ao dar-se conta da palidez que cobriu o rosto do seu amigo.

— Devemos seguir o nosso caminho, Stewart — disse.

— Não temos pressa...

— O que é que pensas fazer?

— Presenciar o que estes cobardes fazem a este homem.

E dito isto encaminhou-se para o local.

Gary seguiu em silêncio.

Sabia que seria inútil tentar convencer o amigo para que não se misturasse naquele assunto.

O xerife, que também tinha ouvido os tiros, supondo que alguém tinha provocado os forasteiros, correu para o local.

Não se apercebeu que estes caminhavam atrás dele.

— Encantar-me-á ouvir a opinião do xerife, sobre o que sem dúvida alguma é uma cobardia — comentou Stewart.

— Defende esse homem se quiseres ou achares justo, mas não dispares sobre o xerife — pediu Gary. — De acordo?

Stewart não respondeu, já que ignorava o que faria.

Mas prometeu fazer tudo para contentar Gary.

Quando entraram no local, Jessy estava no centro do mesmo, rodeado pelos três vaqueiros que segundos antes disparavam para os pés daquele homem.

Stewart e Gary, em silêncio avançaram por entre os curiosos.

O xerife dizia nesse momento.

— Estou cansado de te advertir, Jessy, que não fales dessa maneira do prezado juiz Hoffman.

— Não disse nada! — exclamou Jessy, com temor.

— Agora o que tens a fazer é pagar isto — disse-lhe um dos vaqueiros. — Depois, com calma, falaremos.

Jessy obedeceu.

O resto dos clientes contemplavam a cena em silêncio.

— Agora, para o teu próprio bem, deves pôr-te de joelhos e pedir perdão por tudo o que disseste sobre o nosso patrão — disse um.

Jessy não fez repetir a ordem.

Gary e Stewart já teriam intervido se não fosse pelo caso de quererem saber até onde ia a cobardia daqueles homens.

Ajoelhado e entre as gargalhadas dos clientes, pediu perdão uma quantidade de vezes.

O xerife sorrindo, disse:

— O velho Jessy portou-se como um homem honrado... É suficiente, rapazes!

— Xerife, deve permanecer à margem de tudo isto — disse um dos vaqueiros. — Foi o nosso patrão, a quem este miserável ofendeu em várias ocasiões... Deve receber um castigo muito mais duro!

E perante o assombro de Gary e de Stewart, o xerife calou-se, ficando a presenciar aquela cena.

Um dos vaqueiros aproximou-se de Jessy e cuspindo-lhe no rosto, disse-lhe:

— És um cobarde desprezível! Um charlatão venenoso!

E acto seguido, bateu-lhe brutalmente.

VIII

Segundo Stewart e Gary, aquilo era uma cobardia sem precedentes, que não conseguiam compreender como se podia admitir e consentir e ainda os presentes consenti-la.

Stewart olhou com desprezo para o xerife, que considerava como o responsável por aquela cobardia.

Os presentes, em silêncio, presenciavam aquela canalhice.

Stewart, sem se poder conter mais, bramou:

— Não é possível, que num povoado do Oeste se permita esta cobardia!

Fez-se um grave silêncio após as palavras de Stewart.

Depois, cravando o seu olhar no xerife, acrescentou:

— Os que nos falaram sobre a cobardia das autoridades desta localidade, ainda ficaram muito aquém! Você é um ser desprezível e repulsivo!

Gary, pôs-se em guarda vigiando os presentes.

Ainda que aquela provocação fosse uma loucura, não podia de deixar de estar de acordo com Stewart.

Os três vaqueiros do rancho de Hoffman separaram-se de Jessy para contemplar Stewart, que ficou só na frente deles acompanhado por Gary.

O caso de todos os presentes se terem afastado deles, demonstrou-lhes que deviam ser considerados como peri-

gosos aqueles três vaqueiros e sem dúvida hábeis com as armas.

— Sois forasteiros, não é verdade?

— Com efeito... — respondeu Stewart.

— Então, não vos deveis misturar com isto, rapazes.

— Não suporto certas cobardias — gritou Stewart.

— Sai daqui antes que eu perca a paciência — disse o xerife, com voz surda. — E não voltes a insultar-me da forma como o fizeste ou prometer-te-ei que não verás a senhora Grow!

Jessy contemplava aqueles rapazes entre agradecido e assustado.

— Evan — disse um dos vaqueiros ao xerife — conhece estes rapazes?

— São um par de loucos... — respondeu o xerife.

— Não, xerife, não somos um par de loucos — respondeu Gary com muita serenidade.

— Somos apenas homens que odeiam a cobardia!

— É lamentável comprovar, que sendo tão jovens, estejais tão aborrecidos com a vida.

Stewart, com voz surda, bramou:

— Tendes quinze segundos para vos ajoelhardes e suplicar humildemente a este homem que vos perdoe pelos actos de cobardia que tendes cometido com a sua pessoa! Se não o fizerdes sereis mortos!

Estas palavras causaram uma grande admiração nos presentes.

E sem respirar, todos contemplavam, entusiasmados Stewart.

Os três vaqueiros sorriram abertamente, respondendo um:

— Trágico erro teu, rapaz... Como estarias arrependido neste momento se na verdade nos conhecesses!

— Procedestes com este homem de um modo que fez com que eu vos conhecesse perfeitamente, tal como sois! — replicou Stewart. — Daí ter a certeza de que sois os seres mais desprezíveis que jamais conheci!

— Fala o que quiseres, rapaz — disse outro dos três. — Tu só, é que deste a tua sentença de morte, ao intervir nisto.

— Vou conceder-vos mais uns segundos para que vos ajoelhais perante este homem e lhes peçam perdão!... Se não o fizerdes, matá-los-ei!

Os três vaqueiros olharam-se entre si preocupados.

A serenidade daqueles dois rapazes surpreendia-os.

— Creio que tereis que administrar uma boa dose de chumbo a estes jovens — disse o xerife, rindo. — É uma pena que tenham vindo de tão longe procurar a morte!

O rosto de Stewart iluminou-se com um sorriso especial, ao dizer:

— Procure não perder de vista esses três cobardes, xerife!... Tão depressa busquem as armas, os meus revólveres, com o chumbo que vomitarem, abrirão uma janela em cada testa.

Estas palavras impressionaram os presentes.

O xerife calou-se sorrindo.

Conhecia aqueles três vaqueiros e sabia que logo que mexessem as mãos, sabia que seriam os forasteiros que cairiam sem vida.

Ignorava do que Stewart era capaz.

Jessy, temendo por aqueles jovens e pensando-se culpado do que acontecia, disse:

— Não é justo que os matem por me defenderem! Não

sou digno de tal defesa! Rectifiquem ou esses cobardes matam-vos!

— Não deve temer, bom homem — disse Gary. — Asseguro-lhes, que por muito rápidos que sejam, nenhum dos três chegará a pegar na arma.

— São os homens mais perigosos de uma equipa de pistoleiros — gritou Jessy. — E são tão miseráveis como o cobarde do Alex Hoffman!

— Não pensávamos em matar-te Jessy — disse um dos três vaqueiros. — Agora, com os teus comentários, obriga-nos a mudar de opinião.

E os três vaqueiros, como se aquelas palavras tivessem sido um sinal convencionado de antemão para tirarem as armas, moveram as suas mãos com toda a velocidade.

O xerife e os presentes abriam e fechavam os olhos sem puderem compreender o que acabavam de presenciar.

O caso de considerarem como bons pistoleiros os três conhecidos, era a causa de tal surpresa.

Gary contemplava Stewart verdadeiramente admirado.

Os três vaqueiros caíram sem vida e sem que nenhum conseguisse empunhar a arma.

Mas o que mais impressionou foi comprovar que os três tinham morrido com um tiro na testa.

Ainda que Gary tivesse conseguido empunhar as suas armas, Stewart não lhe tinha dado tempo para as usar.

O xerife, dando conta do sucedido, tremeu visivelmente.

Muito mais ao ver-se contemplado fixamente por Stewart.

— O que é que lhe pareceu, cobarde? — perguntou Stewart.

Não pôde articular uma só frase.

— Continuariam vivos se tivessem escutado a minha advertência. Não compreenderam que era muito mais saudável pedirem desculpa a este homem, que se negarem — acrescentou Stewart ao mesmo tempo que guardava as armas! — Eram três novatos pretenciosos!

— Deve acalmar-se, xerife — disse Gary irónico.

Foi tal a surpresa recebida que os presentes não saiam do seu assombro.

Jessy chorava nervosamente, louco de alegria.

Em silêncio aproximou-se de Stewart e abraçou-o agradecido.

Não ignorava que se havia morto aqueles três homens, tinha sido para o defender a ele.

— Estarei eternamente agradecido! — disse. — Nunca poderei esquecer o que fizeste por mim! Esses miseráveis ter-me-iam enforcado, porque quase me tinham prometido, logo que se tivessem cansado de se rirem de mim!

— Tranquilize-se bom homem... — pediu Stewart.

Gary, colocando-se de frente do xerife, disse-lhe:

— Estamos impacientes por escutar a sua opinião sobre o acontecido... Algo a objectar?

O xerife moveu negativamente a sua cabeça.

— Está muito assustado... Perdeu a fala — comentou Stewart.

— É lógico, já que não era este o resultado que esperava.

— Pois não posso compreender como confiou nuns cobardes como estes.

— Devia considerá-los muito rápidos... Não é verdade, xerife?

O xerife, fazendo um grande esforço, conseguiu dizer.

— Com efeito, rapaz... Não podia esperar este resultado!

— E não lhe agrada, não é verdade? — disse Gary.

Calou-se e retrocedeu assustado ao ver Stewart caminhar para ele.

Quando estava próximo do xerife, descarregou sobre o queixo do mesmo, um terrível soco.

Em consequência deste terrível golpe recebido, o corpo do xerife foi chocar contra o balcão, onde perdendo o equilíbrio caiu ao chão.

Stewart voltou a caminhar para o xerife.

— Perdão, por tudo, rapaz — gritou assustado.

Stewart, que se dispunha a continuar a bater-lhe, fez um grande esforço para se conter.

E apontando o dedo indicador da sua mão direita, para o xerife, disse:

— Da próxima vez que presencie impassível outra cobardia como esses miseráveis estavam a cometer, procurá-lo-ei e enforcá-lo-ei para exemplo de toda a povoação, do lugar mais visível!

Depois, dirigindo-se a Gary, acrescentou.

— Vamo-nos embora antes que me arrependa de deixar este canalha com vida!

O xerife, que estava francamente assustado, respirou com tranquilidade ao ver os rapazes saírem do local.

Boyes apressou-se a aproximar-se do xerife para o ajudar a pôr-se de pé.

— Não pensei que lhe salvasse a vida! — disse-lhe.

— Nunca pensei em estar tão próximo da morte! — confessou o xerife.

— Pois recorda a promessa desse rapaz... — disse Jessy. — Da próxima vez matar-te-á.

— Cala-te ou farei o que esses homens não conseguiram fazer contigo! — exclamou o xerife ameaçador.

Jessy devia conhecer a espécie de pessoa que era o xerife, já que, em silêncio saiu do local.

Os presentes começaram a fazer comentários sobre o que acontecera.

E ainda que todos aplaudissem a atitude dos forasteiros, não se atreveram a expor os seus pensamentos com sinceridade.

O xerife e os seus amigos eram muito temidos.

O da placa, minutos mais tarde, muito mais tranquilo, disse.

— Esse rapaz não sabe o equívoco que cometeu! Não terá outra oportunidade para me assustar!

— São muito perigosos, Evan — disse Boyes.

— Encarregar-me-ei de os enforcar o mais depressa que aqui voltarem! Não terei tantas considerações como eles!

Todos olharam para o xerife sorrindo ao recordar como ele estava assustado minutos antes.

— Será conveniente que esqueças esses rapazes — acrescentou Boyes — é um bom conselho.

— Ninguém te pediu conselhos! — gritou o xerife.

Boyes encolheu os ombros replicando:

— São demasiados os inimigos para tentar brincar com eles.

— Cometeram o erro de se darem a conhecer! — exclamou o xerife. — Da próxima vez saberei como os hei-de tratar!

— Se desejas continuar vivo, esquece essas ideias — disse-lhe outro amigo.

— Saberei vingar-me!

— Confio que quando te acalmares, penses com serenidade sobre o que aconteceu — disse-lhe o mesmo. — Se procuras esses rapazes, encontrá-los-ás, sofrendo as consequências de não julgar com justiça o inimigo.

O xerife, que no fundo, apesar do seu furor, compreendia e agradecia aquelas palavras, ficou calado.

Mais tarde entravam no local quatro vaqueiros.

Os quatro ficaram paralisados ao verem os cadáveres que estavam no chão.

Depois olharam todos os presentes com ódio.

Um dos recém-chegados, com as mãos apoiadas nas culatras das suas armas, encarrou os presentes perguntando:

— Quem foi o cobarde que assassinou estes?

— Tranquiliza-te, Hobart, o autor não está aqui — respondeu o xerife — foi um forasteiro.

— Como é que permitiste que fossem assassinados? — perguntou novamente o que se chamava Hobart, ao xerife.

— Não foi um assassínio...

— Estás a brincar?

— Falo muito sério, Hobart — asseguro-te que não houve surpresa por parte desse jovem.

Os quatro recém-chegados abriram os olhos surpreendíssimos pelas palavras do xerife.

Mas demonstrando que não davam crédito às palavras do xerife, um deles disse:

— Não me faças rir, Evans Wallace!

— Asseguro-te, e acredita que não te minto Hobart.

Hobart, que não era senão o capataz do juiz Hoffman, olhou os presentes perguntando:

— É verdade o que o xerife está a dizer?

— Foram chumbo ao lado desse rapaz — gritou Boyes.

Perante estas palavras, Hobart e os seus companheiros olharam-se surpreendidos e estranhos.

Conhecendo como conheciam as vítimas, não tinham outro remédio senão duvidar.

— Nunca estive tão perto da morte... Há minutos corri o perigo mais intenso de toda a minha vida!

Esta confissão do xerife, fez com que os recém-chegados duvidassem.

E o xerife, para que aqueles homens compreendessem o sucedido, explicou-lhes detalhadamente o ocorrido.

Os quatro vaqueiros permaneceram uns segundos em silêncio.

— Não compreendo tal habilidade... — comentou Hobart. — Certo que não estás a exagerar para justificar a tua presença?

— Dou-vos a minha palavra — disse o xerife.

— Se o que acabas de explicar é verdade, não há dúvida que esse rapaz tem que ser o que há demais rápido e seguro — comentou pensativo Hobart. — Mas apesar disso, vamos vingar isto! Onde é que podemos encontrar esses rapazes?

— Não te deves impacientar, Hobart... — disse o xerife. — Creio que ficaram com a viúva Crow.

— Iremos até lá a esse rancho — bramou um vaqueiro.

— Seria uma loucura — aconselhou o xerife. — Tenho a certeza de que esse rapaz acabaria convosco os quatro sem vocês darem por isso!

Hobart e os seus companheiros riram de boa vontade.

— Já veremos — exclamou Hobart.

Todos continuaram a fazer comentários sobre o que acontecera.

Quando Hobart e os seus companheiros ouviram a opinião de Boyes, não ficou qualquer dúvida sobre o perigo que eles demonstravam e sobretudo Stewart.

— E se o amigo estiver com ele, quando decidires provocá-lo, não deveis troçar — acrescentou Boyes. — Teria morto os três sem lhes dar tempo de oprimir uma única vez o gatilho.

Mas tanto Hobart como os seus acompanhantes que se consideravam homens rápidos com as armas, estavam desejando ver-se frente a frente com Stewart e Gary.

Entretanto, Stewart e Gary aproximavam-se da casa principal do rancho da senhora Crow.

Aos dois jovens dava-lhes pena contemplar aqueles pastos tão ricos e verdes sem uma única cabeça de gado.

Antes de chegarem à casa, já tinham sido vistos à distância e esperavam-nos à porta a própria senhora Crow e a sua filha Nancy com uma espingarda empunhada.

— Conheces algum desses rapazes? — perguntou a velha à sua filha.

— É a primeira vez que os vejo. Devem ser novos cobardes contratados pelo miserável juiz e pelo xerife.

E ao responder desta forma, encostou a espingarda à cara.

Stewart e Gary aperceberam-se deste detalhe, levantaram as mãos sobre a sua cabeça, gritando primeiro:

— Não deve temer de nós, senhora Crow! Somos amigos!

— Se não querem que eu dispare, parem os cavalos — ordenou Nancy.

Os jovens obedeceram.

— Somos enviados por Jack Friedman — gritou Gary.

A atitude daquelas mulheres mudou por completo ao ouvirem o nome de Jack Friedman, que era um bom amigo.

IX

Aproximem-se! — gritou a velha.

E acto contínuo, apoiou a espingarda contra a parede da casa, sendo imitada pela sua filha.

Quando os jovens desmontavam as mulheres contemplavam-nos com grande curiosidade.

Stewart, olhando para a velha fixamente, disse:

— Por favor, senhora, olhe para mim detalhadamente?

A mulher fê-lo durante vários minutos.

Mas observava-o em silêncio.

Nervoso, Stewart, inquiriu.

— É possível que não se lembre de mim?

— O teu rosto lembra-me alguém mas não posso recordar quem.

— Puxe pela memória, por favor!

— Tenho a suspeita que já estiveste aqui antes, não consigo recordar... — replicou a mulher fazendo um grande esforço para recordar. — Os teus olhos, sobretudo, recordam-me alguém...

— Foi à mais de cinco anos... Cheguei com o seu marido, depois de me inteirar que o meu pai e o meu irmão tinham sido enforcados por um delito que jamais tinham cometido...

— Stewart Hobson! — gritou a mulher.

Stewart, chorando, abraçou-se àquela mulher.

Assim permaneceram vários minutos sendo contemplados por Nancy e Gary.

Depois a boa mulher apresentou-o à sua filha.

Stewart fez o mesmo com Gary.

Nancy e Stewart contemplaram-se durante vários segundos fixamente.

Gary deu-se a conhecer pela sua verdadeira personalidade e o motivo real da sua presença em As Cruzes.

Para falar mais detalhadamente entraram em casa.

— Um dos verdadeiros responsáveis da morte do meu marido — disse depois de alguns minutos de conversa, a senhora Crow — foi sem dúvida Morris, o capataz que tínhamos. Sempre me surpreendeu que tanto Hoffman como Wallace o deixassem em paz.

— Isso confirma as minhas suspeitas — disse Gary. — Onde é que trabalha agora?

— Com o xerife — respondeu Nancy.

— Falaremos com ele — disse Stewart — e numa linguagem que não deixará margem de dúvidas.

— Acalma-te rapaz, e não deixes que a obsessão da vingança, te arraste para uma porta certa — recomendou a senhora Crow. — Deves evitar, para o teu próprio bem, utilizar o revólver. São muitos e perigosos os homens que obedecem a esses cobardes.

— Disseram-me que Hoffman é hoje o juiz federal — comentou Stewart.

— Era até há uns dias atrás — disse Nancy. — Deixou esse cargo para se dedicar por completo à política... Espera ser nomeado representante do Território, com intenção de chegar a senador e possivelmente a Gover-

nador. Deus livre o Novo México dos seus triunfos políticos!

— Quem é que o substitui no cargo de juiz?

— August Monroe — respondeu Nancy.

— Que pessoa é?

— Tão miserável como o seu amo! Sempre foi um oportunista!

— Quem é que o nomeou juiz com esses antecedentes? — perguntou Gary.

— O amo e senhor desta comarca, o honorável Hoffman — respondeu com claro desprezo a velha.

— Amanhã visitá-lo-emos para solucionar o assunto da sua dívida com o cobarde do xerife.

— Demasiado dinheiro...

— Não se preocupe com isso, senhora Crow... Vocês não ignora que tenho um belo rancho... A minha mãe tinha muito dinheiro guardado e não teve qualquer inconveniente em emprestar-mo... — E agora pergunto porque é que não recorreu a mim quando as coisas corriam mal? Temia que a decepcionasse?

— Estava nervosa e não me lembrei a quem é que devia recorrer.

Jantaram juntos em conversa animada.

A senhora Crow e a sua filha puseram os dois rapazes ao corrente do que sucedia na comarca.

Não faltavam muitas horas para que amanhecesse, quando decidiram retirar-se para descansarem.

— Dou-lhes a minha palavra que este rancho voltará a florescer como quando o seu marido estava vivo — disse Stewart, ao retirar-se.

As mulheres, emocionadas pela presença dos dois

jovens bem como pelas suas palavras de alento, agradeceram aos rapazes a sua atitude.

Às primeiras horas da manhã como nenhum dos quatro tinha podido conciliar o sono, decidiram reunir-se.

— Devem acompanhar-nos até ao povoado. Visitaremos o juiz.

— O que pensais fazer...

— Não se preocupe e obedeça! — interrompeu-a carinhosamente Stewart.

Os quatro encaminharam-se para As Cruzes, entrando mais tarde no povoado.

Eram contemplados com grande curiosidade pelos habitantes.

Nenhum dos que se cruzaram com elas as cumprimentaram.

Stewart e Gary tinham que realizar grandes esforços para não insultarem aqueles cobardes.

— Devem compreendê-los — disse a senhora Crow, como se se apercebesse do furor que os jovens estavam possuídos perante o desprezo dos habitantes por elas. — Estão dominados pelo medo que sentem por Hoffman e os seus amigos.

— Jamais o compreenderei — gritou Stewart.

Desceram diante do escritório do juiz.

Tiveram que esperar que este acabasse de se vestir.

— Sem dúvida que se deitou muito tarde — comentou a senhora Crow, sem esconder a ironia das suas palavras. — É possível que hoje, quando os efeitos do álcool passarem, algum habitante esteja maldizendo-o ao dar conta de que ontem à noite ficou sem dinheiro ao jogar com o juiz.

Todos sorriram ao ouvir estas palavras.

Minutos mais tarde, eram recebidos por August Monroe.

Ao dar conta dos jovens que acompanhavam as duas mulheres, seriam possivelmente aqueles que tinham morto no dia anterior os três vaqueiros de Hoffman, sentiu-se intranquilo.

— A que é que devo a honra desta visita? — perguntou em forma de saudação.

— Desejamos conhecer a data em que vence um recibo assinado pela senhora Crow — respondeu secamente Stewart. — Refiro-me ao recibo assinado pela senhora Crow e pelo xerife.

— Agora mesmo o verei — disse August, encaminhando-se para um armário cheio de papéis e livros.

Segundos depois, com o recibo nas mãos, disse:

— Tem ainda um prazo de quinze dias para saldar a dita dívida.

— Posso ver esse recibo — perguntou Stewart.

August Monroe entregou o recibo a Stewart.

Este, depois de o ter lido detalhadamente, rasgou-o em mil pedaços.

August com os olhos muito abertos, exclamou:

— Serás preso por isso!

— Tranquilize-se juiz — disse Stewart calmo. — Agora a senhora Crow e a sua filha poderiam deixar-nos sós... Não tem inconveniente?

As mulheres, sem responderem, obedeceram.

August, dada a atitude daqueles dois jovens começou a sentir um medo terrível.

— Sente-se — ordenou Gary ao juiz. — Temos muito que falar.

Assustado, o juiz obedeceu.

— Agora quero que escute detalhadamente tudo quanto vamos dizer — disse Stewart. — Diga-me quando estiver preparado.

Esperaram um par de minutos antes que August dissesse:

— Estou pronto, rapaz... O que é que queres que falemos?

— Vamos por partes... Lembra-se quando *mister* Crow foi morto?

— Perfeitamente.

— Uma vez morto, acusaram-no de ladrão, não foi?

— Certo — respondeu August.

— Quem é que foi da ideia de introduzir gado com outras marcas nas pastagens de *mister* Crow?

August nervoso permaneceu em silêncio vários minutos.

Stewart e Gary esperavam que respondesse.

Como não o fazia, Gary disse-lhe:

— É preciso repetir-lhe a pergunta?

— Ficarei encantado — replicou Stewart com o *Colt* firmemente empunhado. — Mas recordo-lhe que tem apenas um minuto para começar a falar!

August tremia horrorizado.

Não podia esperar o resultado.

— Por favor, rapaz! — exclamou aterrado! — Não brinques com as armas!

— Asseguro-lhe que não estou a brincar... — disse, sereno Stewart. — Se passado um minuto, não começar a falar, dispararei...

E ao acabar de falar, oprimiu levemente o gatilho, fazendo com que o percussor se levantasse ligeiramente.

Engolindo a saliva com suma dificuldade, August exclamou, enquanto retrocedia:

— Não! Não dispares! Foi ideia de Hoffman e do xerife!

E ao acabar de falar, secava com o dorso da mão, o intenso suor frio que cobria a sua frente.

— Quem é que foi o encarregado de introduzir essas reses no rancho de Crow?

— Morris!

— Tem aí papel e tinta — disse Gary. — Quer começar a escrever tudo quanto souber?

August dominado pelo medo, não se opôs às indicações de Gary.

Esteve a escrever durante vários minutos.

Uma vez lida a confissão, Stewart comentou:

— Agora, antes de o enforcar, quero que saiba o meu nome — sou Stewart Hobson. — Não lhe lembra nada?

August abriu os olhos aterrados ao escutar o seu nome.

O seu rosto parecia um cadáver.

— O que é que sabe sobre a morte do meu pai e do meu irmão?

Tiveram que esperar vários minutos antes que se tranquilizasse.

— Hoffman teve medo, que os teus familiares, fossem as únicas testemunhas do seu crime com aquela menina...

— Continue a escrever! — ordenou Stewart, realizando um verdadeiro esforço para não apertar o gatilho.

August não se opôs.

Uma vez lidas as confissões daquele cobarde, Gary guardou-as.

— Esclarecer tudo foi muito mais simples do que pensamos de princípio, Stewart — disse Gary.

— Agradece a esta razão! — gritou Stewart, indicando as suas armas. — Eu já sabia, que esta era a melhor linguagem para falar com os cobardes!

Quando mais tarde abandonavam o escritório do honorável juiz, este ficava sem vida e enforcado a uma viga do tecto.

Uma vez na rua, encaminharam-se para o local de Hoffman, dirigido por Boyes.

Desejavam conversar com este sobre a morte de Crow.

Nas confissões de August Monroe assegurava que Boyes tinha deliberadamente provocado Crow para o matar por ordem de Hoffman.

Devia receber também o seu castigo!

O local, por ser véspera de festa, estava bastante concorrido e ao verem-nos entrar fez-se um silêncio absoluto.

Isto devia-se ao facto de Hobart se encontrar no local.

Os clientes, ao verem entrar os dois rapazes, depois de que Hobart tinha dito no dia anterior, esperava que os provocasse sem perda de tempo.

Mas em breve compreenderam que Hobart tinha estado fanfarroneando.

Os dois jovens encaminharam-se directamente para o balcão, sem perder de vista os presentes.

Boyes sentiu uma enorme preocupação ao ver a forma como Stewart o contemplava.

Stewart que estava ansioso por disparar, disse perante surpresa geral, que impressionou todos:

— Diz porque é que mataste Crow!

Os presentes olharam-se surpreendidos, com aquelas palavras.

A Boyes também lhe impressionaram, mas com serenidade respondeu:

— A razão, rapaz, não pode ser mais simples... quis aqui várias testemunhas que podem provar que não minto.

— Quem é que te ordenou assassiná-lo?

— Estou a dizer-te o que sucedeu — disse sereno Boyes.

O rosto de Stewart cobriu-se de uma intensa palidez ao dizer com voz surda.

— Não é verdade que o assassinaste para evitar que confessasse que o honorável juiz Hoffman era o assassino de uma menina? E porque defendia o meu pai e o meu irmão!

Boyes não pôde arrepender-se do seu erro, já que Stewart disparou sobre ele.

Quando caía sem vida, Stewart comentou:

— Ignoram que todo o crime tem o seu castigo...

Guardava a arma, quando Gary, surpreendeu todos disparando apenas uma vez:

Hobart, com um revólver na mão, caía sem vida.

— Quem era esse? — perguntou Stewart aos presentes.

— O capataz de Hoffman — respondeu um.

— Não poderei esquecer que te devo a vida, Gary! — exclamou Stewart. — Demonstrou que é tão cobarde como o seu patrão! Há mais algum vaqueiro desse rancho?

— Não...

Isto tranquilizou os dois amigos.

Stewart estava vigilante apesar de tudo.

Gary, para que os presentes compreendessem a atitude de ambos, leu-lhes as confissões feitas pelo juiz antes de ser enforcado.

De repente os jovens aperceberam-se que o medo que aqueles homens tinham pelo grupo dirigido por Hoffman, ia desaparecendo.

— O xerife! — disse um cliente que estava próximo da porta. Stewart aproximou-se.

— Pobre diabo, não suspeita que lhe restam segundos de vida. Quem é que o acompanha?

— Morris — disse um, foi capataz de Crow.

Um trágico sorriso desenhou-se no rosto de Stewart.

Naquele momento entrava o xerife e Morris.

Surpreendido pelo silêncio existente, o xerife procurou a sua causa.

Ao ver o cadáver de Hobart, já que o corpo de Boyes estava por detrás do balcão, olhou para Stewart e Gary.

— O que é que aconteceu?

— Tentou surpreender-nos — respondeu Gary.

— Não me agrada isto — disse o xerife. — Nem há vinte e quatro horas que chegaram a esta cidade e já fizeram quatro vítimas...

— Engana-se xerife — corrigiu Gary. — São seis.

O xerife parou e ao olhar para Stewart sentiu um enorme frio percorrer a sua espinha.

— Seis? — perguntou surpreendidíssimo.

— Assim é xerife — respondeu Gary. — E o sétimo, no escritório do juiz.

O xerife estava tão confuso que não sabia o que havia de pensar sobre o que escutava.

Quando conseguiu acalmar-se, graças a um grande esforço de vontade, disse:

— Não quero pensar que seja verdade o que estais a insinuar. Matar um juiz é um delito muito grave.

— Medite com serenidade, xerife — disse Stewart. — Não merecia a morte? Puxe pela memória e pense nos muitos delitos que cometeu durante a sua vida... entre eles ajudou a enforcar dois inocentes.

O xerife agora empalideceu intensamente.

— Acho-o muito pálido, xerife — replicou burlão Stewart. — Não se está a sentir bem?...

— O que acontece é que não compreendo o que estás a dizer.

— Não se lembra que participou na morte daquele pai e filho que vieram acusar o honorável Hoffman?

A serenidade do xerife desapareceu perante aquela pergunta e começou a tremer de uma forma visível.

X

Morris compreendendo a situação delicada do xerife, tentou separar-se dele.

Mas Stewart com voz surda, disse-lhe:

— Fica onde estás, Morris! Nos tambores das minhas armas há uma certa dose, ainda que pequena, de chumbo para ti.

— Ouve, rapaz, eu...

— Não tremas, cobarde! Nada te sucederia se não tivesses ajudado estes indesejáveis a arruinar o nome de Crow e o seu rancho.

— Tive de obedecer ao juiz Hoffman para evitar que me matassem!

O xerife e Morris, compreendendo que não havia salvação possível para eles, decidiram defender as suas vidas pelo único caminho que existia para eles.

Quando ambos acariciavam as armas, Stewart disparou um par de vezes.

Os dois caíram sem vida.

Morris recebeu um só tiro na testa. O xerife, um no mesmo sítio e outro no centro da placa.

— Agora só resta o maior cobarde!

As testemunhas estavam admiradas com a velocidade e segurança com que Stewart empunhava as armas.

— Hoffman não está no povoado — disse um.

— Onde é que está — perguntou ansioso Stewart.

— Devemos esperar que regresse — disse Gary.

— Seria um erro, já que o poderiam avisar — replicou Stewart.

Gary concordou com o amigo.

— Encontrá-lo-eis em Santa Fé, preparando a sua campanha eleitoral — acrescentou um dos curiosos.

— Pois não percamos mais tempo! — disse Stewart, ao mesmo tempo que se encaminhava para a porta de saída.

Gary saiu atrás dele.

Quando os dois jovens abandonaram o local, os clientes começaram a fazer elogios aos dois jovens.

— Acabou-se o terror em que temos vivido durante anos! — exclamou um.

— Por fim vamo-nos ver livre do honorável Hoffman! — acrescentou outro.

— Com um pouco de sorte e graças a estes rapazes voltaremos a respirar a tranquilidade que desapareceu desde que Hoffman foi nomeado juiz federal e Wallace xerife.

Os presentes não podiam esconder a imensa alegria que sentiam.

Um vaqueiro do rancho de Hoffman entrou no local e ao ver a cena ali, bem como os rostos que o rodeavam, desatou a correr e montando no seu cavalo obrigou-o a galopar o máximo.

Uma vez no rancho, avisou os seus companheiros do que tinha presenciado no interior do local.

Como loucos, correram para os seus cavalos e uma

vez sobre as suas montadas, obrigaram-nos a galopar para Sul.

O mesmo fizeram os vaqueiros que trabalhavam no rancho do xerife.

Stewart e Gary comunicaram às duas mulheres o que é que tinham feito.

A senhora Crow, zangou-se com eles, embora carinhosamente, mas acabou por compreender que era a única forma de castigar aqueles que tanto mal tinham feito. Os dois jovens permaneceram vários dias no rancho, preparando-se para irem à procura do gado a El Paso.

Os vizinhos de As Cruzes pouco a pouco foram visitando Nancy e a sua mãe, para pedirem que lhes perdoasse pelas suas atitudes anteriores para com elas.

Nancy enfurecia-se com essas visitas, até que a sua mãe lhe disse:

— Nesta vida, minha filha, devemos saber perdoar. Pensa que se deixaram de nos cumprimentar é porque temiam acabar como o teu pai.

Por fim, a mulher conseguiu convencer a filha para que soubesse perdoar aquelas pessoas.

Durante os dias em que permaneceu no rancho, Stewart não deixava de pensar constantemente em Nancy.

Ambos os jovens sentiam-se atraídos mutuamente um pelo outro.

Uma semana depois a mãe de Nancy, compreendendo o que acontecia com a sua filha, sorria, dizendo frequentemente:

— Pressinto que esse justiceiro será o único homem capaz de fazer a minha filha feliz!

★

— Porque é que queres ir a Deming?— perguntou Gary.

— Quero apresentar-te a um cobarde com placa que se apresentou durante o meu julgamento, acompanhado de outros dois cobardes, acusando-me de ladrão... Foi a declaração desses três, que fez com que eu passasse cinco anos na prisão... Quero visitá-los!

— Como quiseres...

Deixaram de falar ao entrarem em Deming.

Dirigiram-se imediatamente para o escritório do xerife.

Ao entrar, Stewart teve a certeza que aquele homem que ostentava a placa no peito, não era a mesma pessoa que o tinha acusado de ladrão.

— Desejais algo de mim, forasteiros? — perguntou o xerife observando-os.

Gary cravou o seu olhar em Stewart, à espera que fosse ele que respondesse.

Como não o fez, perguntou ao amigo.

— O que é que tens, Stewart?

— Não é este homem que me interessa — respondeu Stewart.

O xerife perante estas palavras, olhou-os com maior atenção.

Gary compreendendo o que sucedia, disse ao xerife:

— Estas são as minhas credenciais, xerife.

E acto contínuo entregou-lhe uns papéis.

O da placa depois de ter lido aqueles papéis, estendeu a mão a Gary, dizendo-lhe:

— Conte comigo para o que precisar... — posso ajudá-lo em algo?

— Quero que me diga se o xerife que tinha essa placa há cinco anos atrás ainda vive na comarca? — disse Gary.

— Sim — respondeu o xerife. — É um dos homens mais estimados da comarca.

— Lamento contradizê-lo, mas é um canalha — replicou Gary.

E para que o xerife compreendesse as suas palavras, obrigou Stewart a contar o que lhe tinha acontecido cinco anos atrás.

Quando Stewart acabou de falar, o xerife exclamou:

— Ainda que me surpreendesse sempre muito a sua prosperidade ainda me custa a acreditar que seja tão miserável!

Depois de muito conversarem, chegaram a um acordo.

— Onde é que o poderíamos ver?

— Não demorará muito em visitar o local defronte a este escritório. Vem todos os dias mais ou menos à mesma hora. E os outros dois que o acompanhavam, lembras-te deles?

— Sim se os vir, ainda que ignore os seus nomes — respondeu Stewart.

— É muito possível que sejam os seus homens de confiança, que naquela época tinham as estrelas de ajudantes.

E o xerife convidou-os a comer junto de sua mulher e filhos.

Os dois jovens aceitaram encantados.

Uma vez acabada a refeição, continuaram a conversar.

Ao entardecer entraram os três no local, que estava já bastante concorrido de vaqueiros.

Todos saudaram o xerife com simpatia, contemplando os seus dois acompanhantes com curiosidade.

Sentaram-se os três a uma mesa onde lhes serviram um uísque a cada um.

O rosto de Stewart empalideceu ao ver entrar três homens.

O xerife, apercebendo-se da palidez do jovem, olhou para a porta, seguindo o olhar de Stewart, perguntando em voz baixa:

— São esses três?

— São eles! — gritou Stewart.

— Boa memória a tua, rapaz — disse o xerife em tom baixo. — Com efeito, esse era o xerife desta localidade então. E quem o acompanha, são os seus ajudantes.

Douglas Sevil, como era conhecido aquele homem, aproximou-se para cumprimentar o xerife.

— Amigos? — perguntou Douglas, olhando para Stewart e Gary.

— Com efeito... Gary Blue, enviado especial do Governador para esclarecer certas dúvidas sobre alguns habitantes e Stewart Hobson...

Douglas empalideceu ao ouvir o nome de Stewart Hobson.

— Agrada-me comprovar que não esqueceu a sua cobardia — comentou Stewart, ao mesmo tempo que se punha de pé. — Agora que é tão amável, quer dizer ao xerife actual, o que é que o cobarde do Hoffman lhe ofereceu para me acusar?

Como a pergunta foi feita em voz alta, fez-se um grande silêncio no local.

— Não compreendo, rapaz — disse Douglas recompondo-se.

— É inútil que minta, eu sei que me compreende perfeitamente, miserável — disse Stewart. — Naquele momento, quando me privaram de cinco anos de liberdade, jurei que os mataria... E vim para cumprir o meu juramento e vingar uma injustiça!

— Deves acalmar-te, rapaz — disse Douglas, sem se atrever a negar. — Hoffman convenceu-me a acusar-te, assegurando-me que tinha a mais completa segurança que eras ladrão, mas que não conseguia reunir provas contra ti... E como perseguiamos uns ladrões, pensei que fosses um do grupo.

— Temos em nosso poder uma confissão completa de August Monroe, o substituto do juiz de As Cruzes, naqueles tempos!... Foi quando recebeu a parte que lhe pertencia por ter colaborado em numerosos delitos que cometiam em sociedade com Hoffman!

— Todos sabem que sou uma pessoa honrada...

— Eu sei que estes rapazes não mentem, Douglas! — gritou o xerife. — Foste um cobarde que desonraste esta placa.

Os presentes olharam-se surpreendidos.

Era assombroso tudo quanto ouviam.

— Estes embusteiros falaram mais do que deviam! — gritou um dos acompanhantes de Douglas. — E o xerife terá que se arrepender de o ter insultado da forma que o fez!

— Deveis, cinco anos, o tempo em que estive na prisão, todas as noites sonhava em ter-vos diante de mim! Chegou o momento dessa altura se converter em realidade!

— Lamentaria que os meus homens te matassem, rapaz — disse Douglas.

E como que postos de acordo, ao deixar de falar, os três empunharam as suas armas com desespero.

Perante a surpresa geral, não conseguiram os seus propósitos.

Os três caíram sem vida.

O xerife, tal como os presentes, contemplava Stewart com verdadeira admiração.

Minutos depois, Stewart e Gary despediam-se do xerife, depois de terem explicado toda a espécie de detalhes às testemunhas surpreendidas, a razão daquelas mortes.

— Pensam que encontrarão Hoffman em Santa Fé? — perguntou o xerife.

— Sem dúvida, deve estar tranquilo. Ignora o que o espera!

— Sorte, rapazes! — desejou-lhes o xerife.

E montando a cavalo, os dois jovens afastaram-se de Deming.

★

Durante o longo caminho para Santa Fé, Gary tentou convencer Stewart, que lhe permitisse actuar contra o juiz Hoffman.

Mas apesar de todos os seus esforços, não conseguiu que Stewart Hobson lhe prometesse algo.

Nas proximidades de Santa Fé, Gary voltou a dizer:

— Tu queres a Nancy, não é verdade?

— Apaixonei-me verdadeiramente por ela.

— Pois se desejas constituir um lar com essa rapariga, não faças nada contra Hoffman...

Stewart olhou detalhadamente Gary, perguntando-lhe:

— Porque razão?

— É que hoje em dia, ainda que seja um vulgar assas-

sino, é um grande personagem e poderia acarretar-te algum desgosto. Antes de disparares sobre ele, temos de demonstrar às autoridades que espécie de pessoa é que ele é.

— Nada te prometo.

— Por favor, Stewart — gritou Gary desesperado —, não sejas cabeçudo.

— Recorda o mal que me fez... Continuas a considerar-me cabeçudo?

Convencido de que era inútil, Gary deixou de insistir.

Pensava na forma de evitar que o seu amigo arranjasse problemas com as autoridades de Santa Fé.

E logo que chegaram à capital, separaram-se.

Gary assegurou que tinha que ir visitar urgentemente o Governador para lhe dar conta dos seus passos.

Ficaram em reunir-se num dos locais infinitos da cidade.

Gary, sorrindo de forma especial, encaminhou-se directamente para o escritório do xerife.

E depois de uma larga conversa com o xerife, ele disse:

— Vá tranquilo, senhor Blue... Asseguro-lhe que evitarei que o seu amigo cometa tal disparate. Poderia ser imediatamente linchado! O senhor Hoffman é hoje em dia mais popular pelos seus discursos, mais do que o próprio Governador!

— Procure não cometer erros... Creio que Stewart será capaz de disparar sobre você, com o intuito de finalizar a sua vingança.

— Saberei fazer as coisas!

Ao despedir-se Gary do xerife, indicou-lhe onde é que poderiam encontrar Stewart.

Acompanhado de dois ajudantes, o xerife encaminhou-se ao encontro de Stewart.

Ao entrar no local indicado por Gary, foi simples para o xerife reconhecer Stewart.

Este bebia tranquilamente apoiado no balcão, enquanto que observava os presentes.

Ao ver o xerife que se apoiava ao seu lado, não lhe ligou a menor importância.

Mas segundos depois quando o xerife, com as armas empunhadas, lhe ordenava que levantasse os braços, empalideceu intensamente.

— Não compreendo, xerife — disse.

— Obedece e cala-te! — gritou o xerife.

Os ajudantes do xerife desarmaram Stewart.

E contemplado pelos presentes com grande curiosidade, o xerife obrigou Stewart a abandonar o local.

Minutos depois, quando estava encerrado numa das celas, o xerife disse-lhe:

— Em breve te porei em liberdade, Stewart... No momento em que Gary Blue se ocupe do juiz Hoffman.

Stewart amaldiçoou o seu amigo em todos os tons.

Demasiado tarde compreendia o que acontecera.

O xerife, contemplando o desespero daquele rapaz, sorria abertamente.

Horas mais tarde, Gary Blue apresentou-se no escritório dizendo para o xerife.

— Já pode pôr em liberdade o detido... Hoffman ao ver-se acurralado, confessou todos os seus delitos! E acto contínuo, sem que ninguém o pudesse evitar, matou-se.

Stewart saiu como uma fera, insultando Gary.

Mas quando se acalmou e soube do sucedido sobre Hoffman, olhou Gary com simpatia, dizendo-lhe:

— Podia ter sido um erro deixar-me actuar. Mas ele era o responsável por tudo!

— É preferível para todos, que tenha sido ele, quem se tenha querido castigar. Agora confio que deixes de ser um justiceiro!

— Não há razão para que continue a sê-lo...

EPÍLOGO

Stewart, satisfeito por ter castigado o grupo que tanto mal tinha feito na região, voltou para o lado de sua mãe.

Dias depois disse:

— Mamã, gostaria que me acompanhasses a As Cruzes. Desejo que conheças a mulher que amo, e com a qual, sonho em formar um lar.

— Será um prazer, filho! — exclamou a mãe. — Ver-te casado, é o meu maior desejo. Confio que tenhas sabido escolher.

— Gostarás dela, mamã! — exclamou Stewart. — Nancy é maravilhosa.

E com verdadeiro entusiasmo e paixão, falou durante muito tempo das virtudes da jovem.

A mãe escutava-o, sorrindo compreensiva.

Não podia duvidar, depois de escutar o filho, que estava sinceramente apaixonado.

E naquele mesmo dia puseram-se a caminho.

As mulheres simpatizaram desde o primeiro momento em que se encontraram.

Depois de várias horas de conversa animada, entre os quatro, quando comiam, a mãe de Stewart disse:

— Tenho a certeza de que Nancy te fará muito feliz!

— De ti, meu filho, só espero que sejas um bom marido, como foste justiceiro.

— E se eles são felizes — acrescentou a mãe de Nancy.

— Não há dúvida que nós também o seremos.

Os dois jovens, escutando as suas mães, sorriam felizes...

F I M

Transportado pelos
Caminhos de Ferro
Portugueses

Você pode conquistar o futuro

tudo depende das suas habilitações

O futuro pertence aos técnicos. Agora, você tem ao seu dispor cursos de especialização concebidos segundo os mais modernos métodos de ensino. Poderá estudar em sua casa, durante os tempos livres. Escolha um dos nossos cursos – e conquiste o futuro:

INGLÊS	RÁDIO E TV
DESENHO DE CONSTRUÇÃO	ELECTRICIDADE
DESENHO DE MÁQUINAS	ORGANIZ. ADM. DE EMPRESAS
INFORMÁTICA	CONTABILIDADE

GRATUITAMENTE, desejo receber **sem compromisso** informações detalhadas sobre o curso que indico

Curso _____

Nome _____

Morada _____

Localidade _____

End. emprego _____

Idade _____ anos _____

CENTRO DE INSTRUÇÃO TÉCNICA
R. D. Estefânia, 32
1066 LISBOA CODEX

A preencher pelos nossos serviços
1 · 1 4 0 5 6

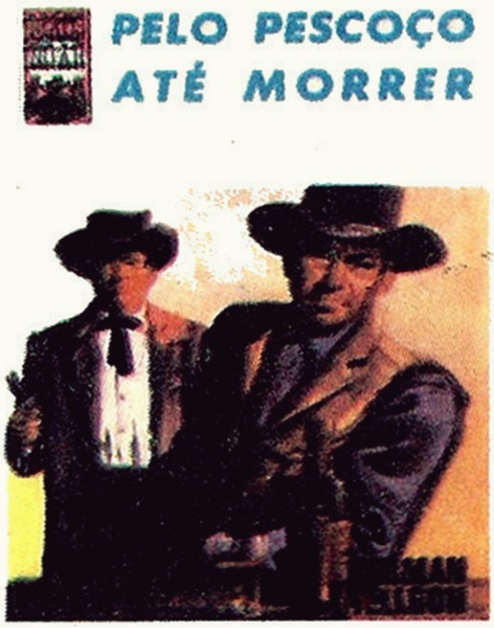
Cit
CENTRO DE INSTRUÇÃO TÉCNICA
ENSINO TÉCNICO À DISTÂNCIA

HOJE MESMO
preencha e envie este cupão sem compromisso

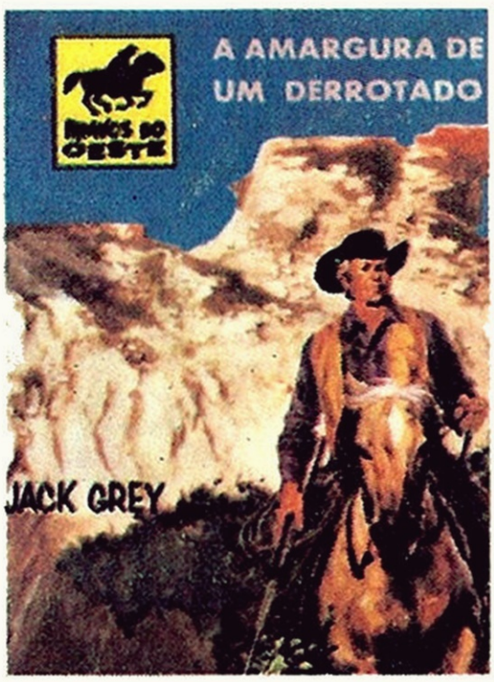
LEIA NAS NOSSAS COLECÇÕES DE BOLSO

ARIZONA

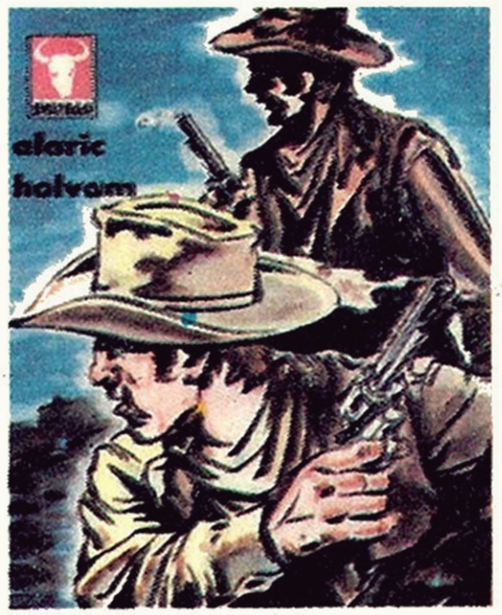
MÃOS NO AR



BRAVOS DO OESTE



BÚFALO



EDIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DA

AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS